

Diário de Lisboa

Numero avulso: 20 CENTAVOS

Administrador e Editor

MANZONI DE SEQUEIRA

Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, administração e oficinas

RUA LUZ SORIANO, 48

Impressão: Rua do Mundo, 116

A' meia noite, batem-me á porta;
O Amor com frio vinha a tremer...
—O que me queres?—Beijos e abraços!
E eu respondi-lhe:—Não pode sêr!

Passado um instante, batem de novo:
A Gloria avisto, que mal conheço...
—O que me trazes? Viridos loiros!
—Nam os desejo, nem os mereço!

NOITE SEM ESTRELAS

POR

EUGÉNIO DE CASTRO

Novas pancadas! P'la vez primeira,
O prazer surge neste retro:
—O que desejas?—Dar-te estas rasas!
—Leva-as áquela por quem suspiro!

E ainda batem! Triste, e tristeza
Chega num amargo, frio abandono...
—O que pretendes?—Dormir contigo?
—Entra. Já estava com muito sono!



No numero de hoje
Versos, de Eugénio de Castro.
Zaccani e o Rei Lear por Lopes de Mendonça.

Dialogo a um canto do salão, por Augusto de Castro.

A Cathedral de Cordova, por Aquilino Ribeiro.

O Amor, por Clarinha.

Sombra, por D. Virginia Vitorino.

O Perú, por D. Maria Sophia Santo Thyrsio.

Sofrer, por D. Maria de Carvalho.

Soneto, por Rocha Junior.

Um ano a menos, por D. José Paulo da Camara.

Salomé e Cinzas, por Ant. Sardinha.

“A Virgem e o menino, aos oito dias” — Boticelli

O *Diário de Lisboa*, jornal modesto de ambições e de formato, mas com a grande aspiração de bem servir o país com a sua opinião livre e com o trabalho jornalístico, desempenhado e despretensioso dos seus redactores, chega a este fim do ano registando que, durante ele, cresceu de affectos a nossa casa e subiu o numero dos que nos lêem e dos que crêem em nós.

Para os amigos e para os colegas, para todo o publico, ainda o que nos não visita, vão os nossos votos de que o ano de 1923 seja pleno de ventura, e satisfaça as aspirações tão legítimas da Patria.

No numero de hoje:
A virtuosa Senhora Carolina, por Norberto Lopes.

Em casa de D. Lucrecia de Arriaga, por Artur Portela.

O Ano Internacional, por Aprigio Mafra.

Duas Cruzes, por Felix Correia.

Aquela consuada, por Alves Martins.

Sport na aldeia, por Carlos Sergio.

Novela do Amor Humilde, por Norberto de Araujo.

Ilustrações de Martinho da Fonseca, Almada Negreiros, Jorge Barradas.

Os azes do proximo ano taurino.

Cronica Financeira.

Noticiario do dia.

Funcionalismo

Para que servem as leis?

O decreto com força de lei n.º 5.524 de 8 de Maio de 1919 «reorganizou» a direcção geral das contribuições e impostos, e, o decreto n.º 5.859 de 6 de Junho de 1919 regulamentou essa reorganização.

O capítulo VI deste ultimo decreto trata das nomeações e promoções do pessoal, que para os lugares de 1.ª e 2.ª official, segundo o n.º 4 do artigo 34.º tem de se abrir concurso, preenchendo-se as vagas—dois terços por antiguidade e um terço por concurso.

Na prática porém fez-se o seguinte:

Já foram promovidos a 2.ª official, 12 funcionários sem se respeitarem as disposições da lei e consta que vão ser promovidos mais 7 ou 8 nas mesmas condições, e que, depois destas promoções feitas é que se começará a cumprir a lei!

Consta também que o C. S. A. F. do Estado negou o visto aos despachos agora feitos e que se movem grandes influencias para que subsistam os referidos despachos!

Segundo a lista das antiguidades do pessoal da D. G. das C. e Impostos, publicada no *Diário do Governo* de 17 de Fevereiro de 1922, preenchendo-se as vagas de chefes de serviço, inspectores, sub-inspectores e 1.ª official, ficam em aberto 31 vagas de 2.ª official, havendo, além disso, 12 funcionários julgados incapazes de serviço, o que perfaz um total de 43 vagas.

E' esta direcção a unica em que não ha pessoal a mais, e a falta de pessoal competente á testa das respectivas repartições pode acarretar grandes prejuizos para o tesouro.

Porque não se cumpre então a lei, mandando abrir concursos e preenchendo todas as vagas?

Para que servem as leis?

Um Funcionario

POLITEAMA

EMPRESA LUIS PEREIRA

Teat. 3038 N.

C. REY COLAÇO ROBLES MONTEIRO

HOJE

às 21,30

Mamã Colibri

Grande criação de PALMIRA BASTOS
Espanhóis desenhados Magníficos cenários
Elegantíssimas «toilettes»
Interiores cuidados pela «Antiquaria de Portugal, 14, Calçada do Sacramento»
Não ha entradas de favor

ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA

Regência de FERNANDES FAO

DOMINGO, 31 — 7 Concerto de assinatura



CONTEMPORANEA

ESTÁ Á VENDA
O NÚMERO
DO

NATAL
QUE É
COLOSSAL
COMO É
NATURAL

CRONICA FINANCEIRA

FECHO DE CONTAS

Conta nova: 1923

30 de dezembro: hora de se encerrarem as contas, e de se fazer o julgamento do que produziu o trabalho do ano que amanhã expira.

Em boa verdade o Estado português não apresenta um balanço brilhante.

Dispensamo-nos de alinhar numeros. Nesta cronica, e ás vezes noutras secções deste jornal os leitores tem tido conhecimento dos algarismos que exprimem a situação financeira do país, publicados á medida que o ano ia decorrendo.

A expressão final é, infelizmente, bem facil de concluir: deficit.

Agravaram-se as contribuições, e o orçamento do Estado, longe de oferecer conclusões deficitarias mais decorosas, ostenta-as mais volumosas, mais negras, mais pesadas.

Não é segredo para ninguém que a inflação fiduciaria foi agravadissima este ano.

Para qualquer departamento da vida do Estado que nos voltamos não encontramos saldos positivos, não encontramos equilibrio, não se vislumbra sequer tendencia para um equilibrio.

Recorreu-se desabaladamente ao credito, sob todas as formas: aumentou-se a circulação fiduciaria, aumentaram-se os debitos do Estado.

O resultado não podia ser outro: agravamento da situação cambial.

Debatemo-nos numa perene indecisão em politica financeira, como se o estado do Estado permitisse delongados debates sobre teorias.

Não podem os governantes queixar-se nem dos contribuintes nem dos organismos que intervêm directa ou indirectamente no credito do país. Os contribuintes acataram o agravamento tributario que não é nada leve e reveste formas que não são comodas para o commercio e industria.

Dos organismos a cargo de quem está de qualquer maneira confiado o credito do país, o primeiro, o nosso Banco Emissor também não merece recriminação dos homens do governo, pois eles tem encontrado sempre naquella estabelecimento a maior docilidade nas indicações officiaes.

Das outras entidades, casas bancarias ou bancos, as ultimas, abundantes e vastissimas medidas legislativas impedem que o ministerio das Finanças possa ignorar a forma como trabalham, desde que estão sujeitos a tão complexa fiscalização como a que consta dos ultimos diplomas.

Esses elementos não foram aproveitados com a utilidade que seria para desejar, oferecendo o país, ao findar o ano de 1922 um aspecto financeiro menos desafogado do que de si deixou o exercicio de 1921.

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ovidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentaes
Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastasio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinaes, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sífilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Mecanismo, ginecologia medica, banhos de luz, electroterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

50% de
ABATIMENTO
COMPRANDO
AS FAZENDAS
DIRECTAMENTE
FABRICANTE

JALME
PINTASICO
COVILHA

A guerra, que nas suas costas largas acarretou com os desequilibrios que se deram em toda a velha Europa, já tem culpas bastantes, responsabilidades de sobra. E o interregno que vem do armistício até á data, chega para não limitarmos o campo da análise dos nossos males, exclusivamente ao conflito europeu. Não nos traz, hoje nem nunca, o intuito de comentar ou apontar a causalidade da nossa apreensiva situação financeira. Seja-nos, apenas, permitido perguntar se, a aproveitar-se o tempo decorrido desde que os obuzes e as metralhadoras da Flandres se calaram até este final de ano, e se, a termo-nos curado da neurastenia administrativa que a guerra agravou, nós não estaríamos, senão numa situação equilibrada, ou ao menos encaminhando-nos para lá.

Quem pode afirmar que a nossa situação deficitaria seria hoje a mesma, se a perturbação do conflito nos não tivesse feito esquecer e perder de vista as margens da despesa e da receita em que tem de conter-se qualquer administração particular ou publica?

Não se aumentaram os impostos?

Não se multiplicaram as receitas publicas?

E as contas publicas estão mais equilibradas?

A resposta deve provar aos apologistas do mero aumento de receita, sem a compressão de despesas, que se enganaram, e que a compressão tem de resolver pelo menos cincoenta por cento das dificuldades.

O balanço de 1922, senão é para nós, fundamentalmente optimista, um fecho de contas desesperado é—não o ocultamos—um bastante e eloquente aviso de que o ano de 1923 tem de ser regido de maneira bem diferente.

Não se iludam os governantes: não podemos continuar esta vida *au jour de jour*. O problema tem de ser encarado de frente, com decisão, com rapidez e com bom senso.

Fala-se numa operação de credito? E' preciso que isso não fique pelas afastadas paragens da fantasia. Repetimos o que na nossa cronica anterior aqui expuzemos: o credito do país não está exgotado, nem é preciso exgotá-lo, para se realizar a negociação de qualquer operação de credito. Ao contrario, o nosso conselho é que não devemos queimar a pólvora toda.

Mas a situação actual dispensa essa operação, parece-nos indiscutivelmente provado.

Precisamos de ouro. De ouro e de juizo que é, com o trabalho, uma das maiores fontes de riqueza a que o homem e o Estado pode recorrer.

Com esses três factores, outros resultados acusará o balanço de 1923.



AUTOMOBILISTA
LIMITADA

O mais importante sortimento de acessórios para automóveis europeus e americanos
Representantes exclusivos dos
CONTA KILOMETROS O. S.
Rua Alves Correia, 160—LISBOA
Telef. 4218 N. End. Tel. AUTOMOBILISTA

ALSTER HOTEL RESTAURANT

Trafaria

Proprietaria B. J. FELGENHAUER

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas

Formosinho

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18
LISBOA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem hoje anos as senhoras:

Viscondessa de Odiveias, D. Luiza de Santa Helena de Beck (Palmela), D. Maria de Lourdes de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Tereza A. Cabral de Fozes Vital, D. Maria Amelia Correia Mendes e D. Maria José Fernandes Neves

E os srs.:

D. Manuel João de Saldanha da Gama, dr. Gonçalo de Almeida Garrett, dr. João Semeador, Henrique Mitchell de Paiva Counheiro, Carlos Manuel de Almeida Napoleão de Carvalho (Chancelheiro) e Adriano Sabino Leiria

Casamentos

Realizou-se no dia 13 na parochial igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Bemfica, o casamento da senhora D. Laura da Silveira, gentil filha do sr. Manuel de Abreu Barbosa, tendo sido celebrante o reverendo dr. Francisco da Silva, prior da freguesia de Bemfica, que apoz o acto religioso fez uma brilhante allocução aos noivos

Em casa dos pais da noiva foi servido um magnifico lunch aos convidados, apenas pessoas da maior intimidade.

Na «corbelle» figuravam os seguintes presentes:

Da noiva ao noivo, um anel em platina com uma perola; do noivo á noiva, um pendente com brilhantes e esmeraldas; dos padrinhos, um par de brincos com brilhantes e uma charuteira de ouro; de D. Josefine Cabral, uma pulseira em ouro e esmalte veneziano; de Julio F. Fernandes, um estylo completo em prata, serviço de chá; de Eduardo de Araújo, um estylo de escritório em prata; de Manuel Cabral, um estylo de objectos de «toilette» em estylo Luis XV; de D. Idalina Canaças, dois jarros em cristal; de D. Adeline Pereira, um copo em bacarat; de D. Adelaide Costa, uma caneca em cristal com tampa de prata; de D. Maria da Silveira, um artistico centro de mesa em cristal; de P. Porto, uma linda estatuetta, etc., etc.

Os noivos partiram para a sua propriedade na Venda Nova, onde vão residir.

Realizou-se no dia 23 o casamento do sr. Raul Vieira Pita com a senhora D. Flavia Guimarães.

Pontos de reunião

No Maxim's

Neste Club, o mais aprazível da cidade, realisa-se amanhã, com bastante brilho, a festa do fim do ano. As mesas do restaurante já estão todas reservadas, esperando-se, pelas combinações que sabemos existirem, que o ponto de reunião, amanhã, da nossa sociedade elegante, é o Maxim's.

Agenda

A nossa primeira sociedade dá «rendez-vous» esta noite na «soirée» da moda do Cinema Condex, onde se estão exibindo programas de extraordinario exito.

Em viagem

Acompanhado de sua esposa e filhas chegou do norte o sr. Guilherme Schultz Marques.

—Encontra-se em Lisboa o sr. marquês de Harcourt.

—Com seu gentil filhinho partiram para Penamagor os srs. viscondes do Sardoal.

—Regressou de Valado o sr. Carlos Andrade O'Neill.

—Está em Lisboa o sr. Luis de Almeida Coutinho.

—Regressou de Alfarralde o sr. conde de Silharis.

—Regressou das Caldas da Rainha a senhora D. Margarida Franco dos Santos.

—Regressaram das Caldas da Rainha os srs. viscondes de Sacavem.

—Partiu do Rio de Janeiro para Buenos Ayres o sr. Ruy Santos.

TEATRO SÃO LUIZ

CONCERTOS BLANCH

DOMINGO, 31 DE DEZEMBRO

MATINÉE, ás 3 horas da tarde

CONCERTO EXTRAORDINARIO

GRANDIOSO FESTIVAL RUSSO

pela

Orchestra Sinfonica Portuguesa

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

Notaveis primeiras audições

— PROGRAMA —

1. Parte — I — Russian e Ludmila, ouverture, (1.ª audição), Glinski. — II — Nas Steppes da Asia Central, Borodia — III — Sadko, «quadro musical», Rimsky-Korsakoff.
2. Parte — IV — Scheherazade, suite sinfonica inspirada nas «Mil e uma noites» Rimsky-Korsakoff; a) Largo e Maestoso, Allegro non troppo; b) Lento-Andantino; c) Andantino quasi allegretto; d) Allegro molto; e) Allegro non troppo-Maestoso — Violino solo: Professor Flaviano Rodrigues.
3. Parte — V — Kikimora, Legende, (1.ª audição), Liadov. — VI — 1812, ouverture solemne, Tchaikowsky.

BILHETES Á VENDA

TEATRO DE S. CARLOS

Sociedade do Teatro de S. Carlos, Ltd.ª

Tel. C. 5063

Temporada de opera

Inauguração em 6 de Janeiro

Termina em 31 do corrente o praso de assinatura para os srs. sociarios e assinantes das épocas anteriores.



FECHA-OS EM TODA A PARTE

A CATEDRAL DE CORDOVA

POR AQUILINO RIBEIRO

Nessa manhã, Rafael de la Ronda pôz-se mais cedo, que de costume, a caminho da Catedral. Toda a santa noite passara em claro, entretido com uns negociantes de cavalos no regaço da *Chica Menuda*, alfôbre de mulheres dos mais afamados em Andaluzia. Gana sentia Rafael de se ir meter na mansarda, mas receava aquele seu sono que ás vezes o atava no catre como um morto na tumba. E era protesto seu não dar mais aso á cólera do arcebispo que, farto de censurar-lhe os hábitos de tresnoitado, frascario e calaceiro, ameaçava destitui-lo das funções que desempenhava na Catedral.

Abatido, pois, e trôpego de somno, com a mira de recuperar por sobejos de zelo a confiança que perdera com relaxado desleixo, se antecipava naquele dia de duas boas horas.

Estava uma manhã clara e branda, como se o céu fosse todo uma açucena sem mácula. Os saloios das cercanias vinham, de burros carregados, sortir a praça. As portas desceravam-se lentamente e raparigas de fralda, cabeças estremunhadas de chumecos, apareciam nas soleiras a sondar a manhã.

Aos tropeções pela rua matinal, Rafael continuava remoendo a censura que o arcebispo lhe infligira na véspera, satisfeito, no entanto, por aquele dia não faltar aos seus deveres.

«—Rafael—dissera-lhe monsenhor—a Catedral é delicada de mais para tuas mãos. Aqui exigem-se mãos de homem, que sejam finas e buliçosas como mãos de mulher. Tu não és desageitado, mas quê, és indolente e pouco pontual. Chegas tarde, a cair de somno, e a tua boca rescende á aguardente e ao pecado como a porta duma taverna. Eu sei a vida de perdição que levas, Rafael. Jogas os dados, galanteias as mulheres de má vida, dás-te á embriaguez, e *vinum memoriae mors*. Daí esse desmazêlo. Porque tu desmazelas a casa do Senhor... os altares são arranjados sem arte, as flores murcham nos vasos; nem a monca dos círios apáras sequer. Ha dias o fogo pegou num retábulo do divino Cespedes, por culpa tua, Rafael, por culpa tua. E' demais. Deus não me perdoaria se fechasse os olhos a tanta incuria. Escuta: se a partir de amanhã não tiveres emenda outro virá ocupar o lugar. A's 8 horas, as portas da Catedral querem-se abertas de par em par; ás 9, hora a que vêm os senhores conegos dizer missa, as galhêtas devem estar cheias e as luzes acêsas; não quero vêr um grão de poeira no chão; é preciso que a casa do Senhor esteja sempre limpa e espelhada como um prato antes de se comer. Compreendes, Rafael? Serei inexorável, porque bem sabes *homine imperito nunquam quequam injustius*».

E Rafael tremera, pela primeira vez, diante da figura amarela e esquelética do arcebispo D. Bazilio Luna y Manrique, que, como uma tocha de altar, se via a olhos vistos derreter-se, minguar e correr para o apagamento. E protestara dali á frente ser exacto, cuidar da casa de Deus com esmero de dona e trazer bem escarolados os altares, sobretudo a capela de Santa Inês, a virgem predileta de monsenhor.

Mas se as razões do arcebispo calavam no animo do clérigo, porque o coração era docil, aos sentidos relapsos, não havia maneira de passar algema. E, passando á bôca do entardecer defronte da *Chica Menuda*, a sua vontade não soube resistir ao convite que castanholas e pandeiretas lhe mandavam de dentro, pelas reixas das janelas.

E como aquela noite tantas mais.

Examinando-se bem, notava que uma vez bedel da catedral, toda a sua indole mudara, como se nele plantassem outro. Até os trinta anos, idade em que o mui sabio e virtuoso arcebispo o investira no cargo, nunca um apetite menos casto toldara o seu entendimento. Conhecia o mal do mundo porque a sauta escritura lhe falava da incontinençia dos patriarcas, dos adulterios de David, e dos roubos do rico ao pobre; mas em seu espirito não havia a curiosidade, nem tão pouco em sua carne o apetite de provar o engodativo travôr do pecado. E o exemplo dos santos fortalecia-o no desápêgo do mundo, a pontos de despertar ás vezes de sua scisma em longinquo jardim, bemaventurado entre os bemaventurados. Mas nem mesmo tal presunção era pecaminosa, pois a sua alma era diafana como a ostia dos sacrarior. Só a santidade de seus costumes rescendia mais que um campo de lírios; os seus lábios quasi se não moviam que não fosse a abençoar o

justo e a interceder apaixonadamente pelo pecador. Se lhe dizia: «Rafael, os conegos da catedral vivem na mais desenfreada luxuria, com mancebas e filhos á beira», respondia: «Não murmureis, que o Demonio põe ás vezes á virtude a mascara do pecado e ao pecado a mascara da virtude. Tudo o que faz é confundir os homens, para o que dispõe da manta que duma ponta cobre, doutra descobre. E onde está o justo que possa jogar-lhes a primeira pedra?» Virtudes assim tão fragrantes e a graça com que enfeitava os preseprios, valeram-lhe o lugar de bedel no dia em que o antecessor falecera de surda e estiolante molestia aos quarenta anos de idade.

Mal assentou pé na «mesquita», sentiu-se Rafael desgarrado, como homem que perdeu o norte a meio de floresta sem fim. Um murmúrio suavissimo, musica visual filtrada das arcarias e colonatas ligeiras, errava no ar, que o bafo das lindas escravas dos califas emornecera. E esse murmúrio inebriava-o mais que a solfa do capitulo e, em maio, os cantares a Maria. O jogo tenaz das linhas, sempre renovadas e sempre fugitivas, as efusões da luz na face bornida de marmores, jaspes e granitos, as perspectivas que nunca se repetiam, alucinavam-no como bailado de formas imprevisitas num sonho mal sonhado. E toda aquela suntuosidade, todas aquelas riquezas, tanta formosura, distraiam-no do Deus a quem magnificavam, para o mundo de que eram transportada harmonia.

Nas horas de crise, Rafael procurava o amparo de Cristo, apaziguador e dolorido. Na capela gotica, talhada a meio da floração arabe, o Nazareno, porém, tinha o ar confuso e azougado de santo em casa de cortesã. Para lhe elevarem o altar, sessenta colonas haviam sido derribadas. Mas, em volta, a floresta sussurrava, recurvando a alma para a terra em vez de a erguer para o céu. E o cicio lento e extenso abafava a voz do evangelho que os conegos, todas as manhãs, ali vinham largar. E Rafael, cheio de amargura, não se fazia ouvir daquele Cristo desterrado.

Depois, á medida que se foi senhoreando do templo, a transfiguração cavou mais e mais fundo. A Catedral era grande como veiga, mas delicada e voluptuosa como uma rapariga. As suas tintas corriam, as suas colonas em quinconcio cantavam, e, do entrelace dos arcos e do redemoinho dos arabescos, a sensibilidade ligeira dispunha á graça e á alegria. E figurava-se a Rafael que as mil colonas de veias violetas e côr, de rosa não eram apenas amparos de marmore; mas mil braços de mulheres que se haviam enterrado no solo, gemendo, ao peso dum goso, uma leda harmonia; que os capiteis eram as suas mãos crispadas num mavioso côr de suplicas; que os ornatos, que vestiam os muros, eram a poeira luminosa de seus beijos, irradiando em mil scentelhas orquestrais. Do pateo, onde limoeiros, palmeiras e ciprestes derramavam uma sombra perfumada, ao magnifico Mihrab, pelas naves, fantasticas ao olhar, ao galope aereo dos arcos, inconcebível, a enfeitadora musica zumbia. E, ao seu harpejo, Rafael sentia-se arrastado tão longe dali, como para um mar, nos confins da sua sensibilidade, onde vagas, de goso brandamente soluçavam. Já os olhos tristes de Jesus o não detinham. Ele que passara sobre as ondas, tremia mesmo no seu aparato gotico como em esquife que vai a sossobrar. E Rafael deixou de perseguir com a sua ansia os olhos tristes.

Um dia, sarabandeava sobre a mesquita o primeiro casal de hilos, a alma de Rafael abriu-se a uma revelação deliciosa, mundo de coisas reprimidas e acumuladas atraz de trinta anos de inocencia. E sua alma se exaltou e se descompôs. No repulamento infinito dos fustes em porfiro e jaspe, na tortura dos arabescos, no tropel dos arcos, descobriu as formas esbeltas das mulheres que uma vez viram dançar nos jardins de Sevilha. As piscinas, onde dormia a agua benta dos esconjuros, fixaram em seus olhos curvas voluptuosas, mal vistas e não sonhadas; e até as urnas sacrosantas, com a sua ellipse cheia e requebrada, lhe deram a imaginar o que seria a quente sinuosidade dum tronco virginal. A mulher, a ele que fora casto e de mente pura, depa-rava-se-lhe em cada partícula do templo, desde o reflexo breve dum azulejo á propria côr dos jaspes transparentes.

De começo, bastava-lhe o exercicio doloroso da fantasia. Como amante, amada a suspirar, a mesquita entreteinha-lhe febre e de-

vaneios. Depois, com vertigem na queda, Rafael saboreou, enterrou dentes no pecado, desde a hora ociosa de curso tão veloz, á mulher que nunca é rapida de mais a dar-se. E convertera-se deste modo no mau servo, arre-pelado de luxuria, comido de vicios.

Volviendo ás vezes o pensamento á primeira condição, Rafael implorava o Eterno: —Senhor, por que me abandonastes? Minha alma era simples, humilde pedra de ara á vossa gloria!

A mão misteriosa que o conduzia pela nova vereda era mais forte, porém, que seu animo de contrição e daí succeder-lhe madrugara no meio das gitanas da *Chica Menuda*, como naquele dia de primavera.

Para o alto, a luz distendia-se, invadindo a opacidade lilaz dos montes e as torres mutiladas. As muralhas e o miranete de S. Nicolás recortavam-se já na brancura fluida do ar. No rio, os moinhos moiros espadanavam a agua, num rumor dôce e cantante como alvarescer de colmeia.

O bedel cortava a direito nas ruas, onde um gerico de quando em quando passava, tanguido por um garoto, tupa, tupa, carregado e veloz. Sam Rafael, do seu plinto alto, erguia já sobre o rebanho do casario ás esguias asas. Num pateo, que um repuxo enternecia de sua toadilha e graça alada, Pablo, o ferrador, ferrava um macho, cantando:

*Por la calle abajo viene
Una guitarra de plata;
Y la prima va diciendo
Una morena me mata...*

A torre de Malmuerta despediu seis horas muito lepidas e cristalinas no ar imovel. E, como uma palavra ouvida de passe, os sinos nostalgicos de S. Pedro el Real, de S. Pablo, da Colegiata, atropeladamente responderam. As casas, gente, luz, a volata dos campanarios foi despertando. E, a benzer-se, Cordova saiu aos patios.

Quando Rafael despedia da *calle de los Indios*, no Oriente estalavam as fayas de púrpura da aurora. Uma sombra ligeira fluctuava sobre as pilastras em serilha e as vidraças búcias da catedral. Mas já a flecha da torre cristã, alta e diminuida no céu como cotovia encastelada, bebia a chama primeira do sol.

Com a chave que, por tresnoitado, não largara do bolso, abriu a porta e entrou. Dentro, uma penumbra leve, que até os olhos abraçados dos painéis de Cespedes suavizava, envolvia tudo. Nunca, como, áquella hora, era estranha, de surpreendente maravilha, a obra de pedra. Nem palmeiral, antes de o devassar a boca da madrugada, nem palacio sonhado no fundo do mar. As naves eram alas orladas de lírios gigantes que abriam e se entre-laçavam nas arquivoltas e arcos em ferradura. Mas ao longe a claridade leitosa das colonas esvaia-se e ficavam só no ar jardins suspensos, sobre-céus de corolas brancas, descomunais. E, senão em corpo—ligeiras, pés descalços, rosto velado, rescendendo a mirra e cinamomo, em alma deviam ha pouco ali ter passado as favoritas de Almanzor.

Rafael estacou numa das naves em homem que relanceia olhos a tomar posse do que é seu. As almas moiras, a passarem, não haviam deixado rasto. Tudo estava na sua ordem, caixas de esmola, votos, castiçais e santos nos altares.

Depois da pausa remissiva, dirigia-se Rafael para a capela cristã a renovar a lampada do Santissimo quando lhe pareceu ouvir o eco quasi estrangulado dum suspiro. Ilusão, realidade, suspendeu o passo. E, até ele, de ouvido á escuta, timprato, uma brisa mansa de suspiros chegou, perfidamente conduzida no reflexo acustico das abobadas. De vagari-nho, então, pé ante pé, escorregou por detrás das colonas, o sangue a cachoar-lhe nos desvaivos da imaginação. Dilatava-se o bosque de marmore a perder de vista; as capelas laterais, alumadas pelos estreitos janelins, sossobravam na sombra, mal luzindo suas toa-lhas, lavor de mãos devotas. Junto da *Columna do Cativo* parou a orientar-se. E, como o ruido viesse da direita, cada vez mais sorrasteiro sob o acicate do medo, manso e manso foi la-deando. Para lá da capela *Villa Viciosa*, o cicio, subitamente, tornou-se lucido. Não eram vozes de ladrões a repartir o saque, nem diabo que entalasse a cauda sob peanha de altar, nem alma penada.

Pelo tom, pela dolencia, figurava queixa de amor. E mais afoito, abafando a suspiração, de novo ondulou por entre os fustes e a sombra dos arcos. E, breve, numa capela que luneta cheia esclarecia, a scena desenrolou-se a seus olhos clara e abominavel.

Trepado sobre o altar, D. Bazilio Luna y Manrique, o arcebispo, gemia contra o corpo pálido e amoroso de Santa Inês. E era todo um abraço lubrico, cheio de fogo e de estimulos, áquella tronco, sensual, de tão fonte humanidade. Cingindo-o, afagando-o, transparecia nele o desespero de não poder animar com beijos e soluços o frio e incorruptivel marmore. E a sua dôr, como vendaval, estorcia-se contra a imagem que o abraçava num olhar enigmático e radioso.

Horrorizado primeiro, Rafael acabou a gosar aquela voluptuosidade dolorosa, posse ardente em perdida posse. E sentiu, então, a beleza inquieta de Santa Inês, de linhas veladas mas perceptíveis, de rosto candido mas estranhamente acariciador, de ondulações que escondiam a carne e desafiavam a vida. E, evocando todo o influxo da catedral em sua alma, compreendeu áquella estatua e a mão que a cinzelara. Como ele, o artista embebera-se do espirito da catedral. A sua imaginação interpretara os acordes divinos da pedra e a linguagem delirante dos arabescos; sentira braços femininos nas colonatas e cavalgadas loucas de paixões no galgar dos arcos. E a sua alma, alando-se ao simbolo, criara Inês; e já não era a santa que vinha do céu e entretinha as almas com o céu, era a huri, o verbo feito carne; génio da catedral, a estatua era assim um suave harpejo na symfonia dos marmores.

Nos braços de Santa Inês, o arcebispo continuava a chorar lágrimas manças que lhe corriam em fio sobre as faces, secas como a tampa duma tumba, e, daí, para o seio da virgem. Nas orbitas, as meninas dos olhos luziam-lhe como corvos esfaimados. E beijou-lhe o peito, aquele peito urna, não de renuncia, mas de amor; os lábios, sigla subtil que tanto prometia como negava; a fronte que encerrava um epigrama de formosura. Agradecia-lhe deste modo, a benignidade de sedutora e de seduzida.

Rafael decifrava agora na vida do arcebispo um misterio profundo. Via-o consumir-se dia a dia como um círio de altar nuns funerais; sua carne derretia-se e seus musculos estalavam como barbante pôdrê; quando passava, curvado e esquelético por entre os marmores e os tumulos, dir-se-ia um cadaver ambulante a procurar o seu tumulo; a fraqueza que revelava para com a barganteria de Rafael era a fraqueza da cumplicidade; a preferencia pela capela de Santa Inês a incendida febre do seu sacrilego amor. Em tudo o prelado era o escravo docil e alucinado duma paixão inhumana.

Repentinamente, sobre a crise de extase do arcebispo as naves iluminaram-se. Um raio de sol veio pela janela banhar o grupo voluptuoso. Sob o ouro da luz a tez fria da imagem coloriu-se; as pregas da túnica desembrulharam-se numa assunção de vida e de movimento. E os lábios divinos suspiraram sob os lábios do padre, juntamente entoaram com o côro dionisiaco dos marmores um hosana altissimo. O milagre operava-se: a estatua incarnava, contra a alma abrazida do homem.

Rafael deitou a fugir, a tremer como palacio num terramoto. Surpreendera um grande segredo e ia publicá-lo. Era preciso destruir a catedral, esmagar a hidra ebria de sangue e de voluptuosidade! Era preciso arrasar a pedra a pedra, estancia onde crestavam as flores mais cheirosas da diocese! Viesse o fogo dos homens, já que não baixava o fogo do céu!

Sobre ela em fuga, a floresta dos marmores murmurou:

—Rafael, é a vingança! Que ergam altares cristãos no nosso seio, que esmigalhem as nossas linhas voluptuosas sob o barro, que nos façam em pó, soltaremos até á eternidade outra voz que não renuncia! E é a nossa vingança, Rafael, quebrar as almas grosseiras dos sacerdotes; é a vingança da Beleza, a vingança da Vida!

Lá fora o sol incendiava tudo; e na sua labareda, as torres de S. Nicolás e de S. Pablo el Real, e o S. Rafael da praça pareciam tremer e desabar.

Aquilino Ribeiro.

EDEN-TEATRO
8 1/4 e 10 1/2

Todas as noites -- 2 espectaculos

TIRO AO ALVO

OS NOSSOS COLABORADORES

Dialogo a um canto do salão

(DE UMA VELHA PEÇA INEDITA)

Pelo DR. AUGUSTO DE CASTRO



JULIO

Eu sou o unico homem que a Condessa detesta — e não abdicó dessa honra.

JUDITH (Rindo)

Isso é o que se chama um atrevimento. O sr. não sabe que o unico homem que uma mulher honesta pode licitamente detestar é o seu marido?... (Alto, para outro lado, onde o Conde e Luis conversam) Não é verdade, Sr. Conde?

CONDE

(Sem se mexer, interrompendo apenas a conversa com o Luis e com um riso muito amavel)

Eu tenho sempre d'olhos fechados as opiniões de Vosselencia.

JUDITH (Para a Condessa)

Que mania que o teu marido tem de nunca ter opiniões, senão dolhos fechados!

CONDESSA

Compreendes, filha, que ainda assim é a unica maneira de as ter.

JULIO

D'olhos fechados, são opiniões — mas não se pode dizer que sejam pontos de vista...

D. EDUARDA

(Continuando uma conversa interrompida, para a Baronesa)

...Oigo dizer que é muito rico. Uma fortuna adquirida pelo pai e pelo avô em Africa, não?

JUDITH

Quem?

D. EDUARDA

O Luis de Moura Coutinho

BARONESA

Muito rico. Sim, muito rico. E' uma joia. Sou muito amiga d'ele. Brinquei com o pai. Bons tempos. Fui e sou intima amiga da mãe! Vi-o quasi nascer.

D. EDUARDA

E' viuvo?

BARONESA

E' sim, minha senhora,

D. EDUARDA

Então será por isso que ele tem aquele ar de tristeza. Mas isso não explica outras excentricidades que se lhe atribuem. (Baixo) Porque é que a sr.ª Baronesa não lhe aconselha que se casa?

BARONESA

Porque sou muito amiga d'ele, CONDESSA (Para Julio)

Eu acho sobretudo que ele tem um ar de Hamlet africanista. Abomino. Nasci com um horror instintivo pela tragedia. Aquele homem parece que tem dentro da alma um nevocero...

JULIO

Deve então ser uma alma muito humida para habitar.

CONDESSA

Tanto não sei.

BARONESA

Parece que já a viu por dentro—para lhe conhecer o nevocero...

CONDESSA

Isso não, minha querida amiga. Basta passar-lhe ao pé. Sente-se a humidade que sai pela janela.

BARONESA

Quem sabe se aquela alma se resentirá justamente de não ser há muito tempo habitada? Falta de sol...

JULIO

Não é, pelo que vejo, alma recomendavel para senhoras artríticas.

CONDESSA

Este ano, no Estoril, parece que houve quem, apesar da humidade, a visitasse...

JULIO

De casaco de peles, naturalmente. E constipou-se?

CONDESSA

Não sei. A Baroneza é quem deve saber, porque me consta que a visitante vem cá esta noite.

JUDITH

Quem?

CONDESSA

A Baroneza que diga.

JUDITH

Quem é essa divindade que compreendia aquele incompreendido?

BARONEZA (alto, para Luis)

Falavamos aqui da D. Helena Medeiros e do marido, que o meu caro Luiz conheceu este outono no Estoril. Eil-a que chega. (A baroneza e Helena cumprimentam-se, ao fundo, efusivamente).

HELENA (para a Baroneza)

Jantámos hoje no Central com uns tios do Alberto que estão em Lisboa, de passagem para o Algarve. Quizeram ainda que os acompanhássemos ao teatro...

ALBERTO (para a Baroneza)

A sr.ª Baroneza, melhor dos seus achaques? (para a Condessa) A sr.ª Condessa melhor da sua má lingua?

CONDESSA

Não diga isso. O seu amigo Luiz Coutinho, que já não está de bem comigo, é capaz

de o acreditar. (Para Julio) Também leu o inquerito do *Matin*, doutor?

JULIO

A Condessa já sabe que eu, desde o ano passado, não sei ler. Muito menos francês.

CONDESSA

Tem sido transcrito em todos os jornais de Lisboa: «O que torna o homem digno de ser amado?» Responderam todas as atrizes francesas.

JULIO

E o que é que responderam?

CONDESSA, (com um gesto de repugnancia) O dinheiro.

JULIO

Concordo.

CONDESSA

Estão cortadas as nossas relações.

JUDITH (para Alberto, que tem uma opinião diversa)

Não diga isso. O espirito vale mais que a elegancia.

CONDESSA

O que é que ele diz agora?

JUDITH

Diz que a elegancia é o primeiro dote do homem... para a mulher.

ALBERTO

Mas certamente. O espirito, bem sei... Mas se a mulher, infelizmente, só percebe o espirito do homem transformado em calças e em coletes. A elegancia é a unica forma de espirito acessivel á mulher. O alfaiate é o grande trago de união entre os dois sexos. Ponha v. ex.ª outra vez no mundo Aristoteles: enfile-lhe umas botas analfabetas, um frak sem talento, uma gravata que não saiba conversar e deixe-o aqui ao pé da condessa...

CONDESSA

Credo!

CINZAS

Fundou um cavaleiro aquela ermida
p'ra seu repouso mais dos seus herdeiros.
E ao pé da esposa gótica, estendida,
ei-lo dormindo entre animais fragueiros.

A' meia luz da nave recolhida
contemplo os dois antigos companheiros.
E penso em ti, ó flôr da minha vida,
pensando nesses velhos padroeiros.

Pensando nesses velhos fundadores,
que a pedra lembra em traços scismadores,
pregunto o que seremos nós depois...

Noivos ainda no tremendo lance,
que Deus nos dê um sitio em que descanse
o corpo que Ele repartiu p'los dois!

SALOMÉ

Sangravam os morangos nò açafate,
sangravam como sangra a carne viva.
(Não sou pintor, p'ra que o motivo trate,
mas sei que me perturba e me captiva!)

Como um despojo heroico de combate,
sangravam nos teus braços em ogiva,
pondo na tarde um frémito escarlate,
—um éco de matança primitiva!

Sangravam os morangos longamente,
lembrando uma cabeça decepada,
— sangravam no açafate que trazias.

E assim, no resplendor do sol poente,
envolta em sangue e oiro, ó minha Amada,
eras andando a filha de Herodias!

(Inéditos)

Antonio Sardinha

JUDITE (para Luis)

E a sua opinião, sr. Luis Coutinho?

LUIS

A minha opinião não a interessa.

JUDITE

Engana-se. Gostava de a ouvir.

ALBERTO (continuando para a condessa, agora no meio do grupo)

Afinal, *blagues!* *Blagues.* O amor, a capacidade de ser amado, minha cara condessa, são uma questão de raça. (Helena e a baroneza descem, aproximam-se). Um instinto que se afina com o sangue, com a perseveridade, com a civilização. Porque é que um homem é amado? Porque é que esse homem será amado toda a vida, onde quer que passe, seja qual for a mulher que lhe pertença, irresistivelmente? Porque é que outros, porventura superiores em espirito, coração e ternura, nunca serão amados, serão os eternos traídos, os esquecidos?

CONDESSA

O homem fatal existe, pois!

ALBERTO

Existe, certamente. E' a raça do triunfador do amor. Donde vem o seu prestigio? Donde vem o encanto do *homme à femmes*? *Bel-Ami* era um mediocre, um *ruste*—e as mulheres caíam-lhe nos braços! Nasce-se para ser amado—como se nasce para ser traído, como se nasce com espirito ou sem ele. E' o sangue. E' a raça.

JUDITE

Bravo! Que entusiasmo! (Para Helena). Veja, D. Helena, se consegue arrancar aqui sobre o assunto uma opinião ao sr. Luis Coutinho.

CONDESSA

E' tambem pelo homem fatal?

LUIS

Não, minha senhora. Se ele existe, sou contra ele e tem para mim outro nome: é o profissional do amor. E se o amor é nobre quando é ideal, é abominavel quando é profissional! O homem que passa a vida a enganar mulheres, tem certamente uma grande superioridade sobre aqueles que não fizeram da mentira um temperamento. Mas se ele tem por si a superioridade de ser amado, os outros têm por si a felicidade de amarem!

ALBERTO

A felicidade de amar! Mas essa felicidade só pode ser uma lira voluptuosa e doce nas mãos daquele que nasceu predestinado para a sentir! Não ama quem quer! Não é amado quem quer! Nasce-se amante, como se nasce marido...

LUIS

E' possivel. Simplesmente, esse tal predestinado para o amor, numa sociedade bem constituída, será um monstro, fóra da moral, como já hoje está posto á margem da honra. Conheço-o. E' o mr. Alphonse e o Primo Basilio. Pela minha parte, onde quer que o encontro, calco-o com o tacão da minha bota.

CONDESSA (para Alberto)

Sabe que gostei de ouvir, homem fatal!

HELENA (mais baixo, a Luis)

Tem razão. A felicidade de amar deve valer bem a superioridade de ser amado!

LUIS

Não creia. *Blagues*, como seu marido diz. Seu marido fala pelos que são amados. Eu falo pelos que amam. Mas, no fundo, ainda que eu o não queira dizer a mim proprio e só o diga a si, ele fala pelos felizes—eu falo pelos traídos!

O CONDE (a meio da scena, para Alberto)

Meu caro Medeiros, as suas opiniões são encantadoras. Perfilho-as de olhos fechados! As mulheres e flôres são duas coisas em que se não deve tocar. Querem-se na haste!

JULIO

Conforme for a haste, Conde—e a distancia a que a gente estiver dela!

Augusto de Castro

A NOSSA PAGINA FEMININA

POR MARIA DE CARVALHO, MARIA SOPHIA DE SANTO THYRSO
E VIRGINIA VITORINO

O Diário de Lisboa tem um particular e enternecido carinho pelas suas colaboradoras em letras, aquelas que o foram durante muito tempo ou que ainda o são, de onde a onde. Criámos ligações espirituais com o grupo gentil dessas senhoras, que—algumas por vezes esquecidas de nós—nunca por nós são esquecidas.

Dá-nos prazer hoje a visita de Clarinha—espírito moço eterno que a paginação atrai para uma pagina isolada, e onde a sua historia do Amor fica á vontade—; Maria Sofia Santo Thyrso e Virginia Vitorino, duas camaradas e vizinhas: uma, cronista da vida

e desenhista deliciosa dos contos de crianças, e outra, a inspiração dolorida e amorosa dos sonetos em filigrana de sentimentos resignados; Maria de Carvalho, fulguração poetica em pleno vigor de beleza, na maturação plena da forma, colega de todas as semanas, quasi da casa. Para elas, como para aquelas senhoras, nossas antigas colaboradoras, que por circunstancias varias não nos enviaram a sua produção a tempo—vai a nossa aspiração mais viva de que para o ano que entra a sua visita se torne mais frequente, mais amiga ainda.

O PERU

(CONTO PARA CRIANÇAS)

POR

Maria Sophia de Santo Thyrso



Maria Sophia de Santo Thyrso

Era uma vez uma velha que era muito amiga de animais apesar de não pertencer á sociedade protectora deles, e a velha protegia em especial o seu burro, o seu papagaio, o seu gato e o seu peru.

Um belo dia o Gato lembrou-se de que a sua ama era bruxa e bom seria que ela fizesse algum bruxedo a favor dos seus protegidos e conferenciou com o Papagaio e juntos resolveram pedir-lhe para os metamorfosar e fazer deles homens e lhes desse alguns sobejos das suas economias e as ruas para passear. Trataram de convencer o Burro e o Peru da grandeza do seu programa.

O Burro concordou com eles, mas o Peru...

—Nada, nada, disse ele, mais vale ser um peru esbelto e airoso do que qualquer outra coisa. Glu-glu, tcheque!

O Burro olhou-o placidamente. os outros sorriam com desdém e foram os três contar á velha o que se tinha passado.

—Ora essa, disse a velha.

E num abrir e fechar de olhos transformou o Gato em Janota, o Papagaio em Literato e o Burro em Pobre Diabo. O Peru continuou sendo o peru esbelto e airoso—provisoriamente.

No dia seguinte a velha dividiu as suas economias em quatro partes. Uma parte deu-a ao Janota, a outra ao Literato, a outra ao Pobre Diabo e deixou-os ir correr mundo. Com a quarta parte comprou uma perua e um canario e o resto guardou-o para seu sustento e do canario e do casal de perus.

Ao principio, os três, o Gato, o Papagaio e o Burro, pouco habituados ao contacto tu-cá tu-lá com os homens, sentiam-se mais á vontade todos juntos. Mesmo o Janota não fazia questão em andar com o Burro, o Pobre Diabo.

Mas pouco a pouco começaram a definir-se as situações.

O Literato começou a fazer livros de versos aos «pôr do sol côr de burro quando fôge», como diz o senhor Camara Lima, e á «sua amada», que não existia, e a editá-los por sua conta e a perder muito di-

nheiro com isso e o Janota começou a tomar gosto á banca francesa e começaram ambos a ter que pedir dinheiro emprestado ao Pobre Diabo que não tinha talento nem palpites e não levava juros.

Finalmente, quando o Pobre Diabo já estava sem vintém, aconselharam-no a voltar para casa, pé e forro os dois para a Garrett tomar chá e discutir o que haviam de fazer.

Quando saíram da Garrett, o Papagaio comprou um chapéu mole preto e foi para o Martinho e o Gato rapou o bigode, comprou um par de polainas, daquelas sem as quais nenhum janota se salva, e foi para o Gremio.

Vieram as festas do Natal e o Gato e o Papagaio encontraram-se por acaso a subir o Chiado e resolveram ir fazer uma visita á velha e jantar com ela no dia de Ano Bom.

Quando chegaram a casa da velha, lá encontraram o Pobre Diabo mais uma vez transformado em Burro, feliz e contente na sua burrice. Lá estava também o Canario. A Perua tinha sido morta para o dia de Natal, mas o viúvo Peru, gordo e pomposo, fazia legue e dizia «tcheque» com mais altivez do que nunca.

A velha recebeu muito bem o Janota e o Literato e perguntou-lhes:

—Que tal?

O Papagaio olhou para o seu poleiro e viu a sua panelinha cheia de deliciosa alpista, o Gato sentou-se numa cadeira e sentiu pena de já não caber enroscado na sua almofada favorita. Antes de cair a noite o Janota era outra vez Gato, como o Pobre Diabo tinha também voltado a ser Burro, e o Literato, comovido de perder o seu camarada, deu a deliciosa alpista a comer ao Canario. O Peru chegou á porta e olhou para eles e fez legue e disse «tcheque!» com a gravidade devida á sua

SOFRER

POR MARIA DE CARVALHO

*Sofrer é lei da vida... lei severa...
É lei comum que a todos aproveita.
É a larga seara, é a colheita
Que enriquece, afinal, que regenera.*

*Sofrer é salutar, quando se espera,
Quando se pôde crêr no que se aceita,
Quando na terra forte e satisfeita
Se tem raiz profunda, e que prospera.*

*Sofrer, que importa? Reconheço e acato
Essa lei que de Deus nos avisinha,
Cuja grandeza tem sentido exacto.*

*O mal que nos revolta e que amesquinha
É ser a planta que em terreno ingrato
Em vão quer vegetar e se define.*

gordura e a complacencia de se sentir superior ás ambições mesquinhas ou grandiosas que de direito pertencem á humanidade.

Mas no dia de S. Silvestre, logo de manhãzinha, a velha deu-lhe muito vinho e o Peru que não era superior ás fraquezas que deprimem a humanidade andou toda a manhã alegre e cambaliante e feliz, apenas lhe enegrecia a vida a sombra do proprio monco com que implicava e que via em duplicado.

Ao meio dia foi degolado o Peru.

No dia de Ano Bom vieram os filhos e os netos da velha jantar com ela e foi-

lhês apresentado o Literato em quem ninguém reconheceu o Papagaio, e ao jantar todos declararam que se mais valia burro vivo que homem morto, um Peru morto valia muito mais que um burro vivo, um gato, um canario e um papagaio!

O Burro não estava presente para ouvir o que se dizia. O Gato não disse nada e delicadamente aceitou da mão da sua ama um pedacinho de peito de peru que ela lhe oferecia.

Mas o Literato olhou para a velha e sorriu-se e disse meditabundo:

—O Loiro, dá cá o pé...

Maria Sophia de Santo Thyrso



Virginia Vitorino

SOMBRA

POR VIRGINIA VICTORINO

*E assim vais, alma forte, alma orgulhosa,
á procura do amor...—nunca o sentiste?
É uma fraqueza, a que ninguém resiste;
é uma verdade, e sempre mentirosa!*

*Mas partes! Eu bem sei que inda não viste
quem d'essa viagem volta... Ah, ninguém ousa
dizer-te como a alma vai gloriosa,
para voltar, depois, cansada e triste!...*

*O amor! Doce ilusão de eternidade
que as pobres almas pouco invade,
para as deixar mais velhas e mais sós...*

*O Amor! O Amor! A grande luz ardida!
Brilhou... Queimou... Depois, por toda a vida,
—que misterio de sombra atrás de nós!...*

"PROSA DA CASA"

"A NOVELA DO AMOR HUMILDE"

EXCERPTO DE UM LIVRO INÉDITO

POR

NORBERTO DE ARAUJO

Esboços de Martinho da Fonseca

Agora chovia desapiedadamente. Maria Rosa no meio de Aurora e de Leonor alargava seu passinho meudo, e arrastava as duas amigas, excitadas pela recordação do passeio e pela pressa de chegar. Desceram a Avenida silenciosas.



De vez em quando, apenas, Leonor abria o seu infantil sorriso cômico de rosa e murmurava para dentro do silêncio alagado das duas amorosas:

—Olha que vale bem a pena...

Uma vez mesmo Maria Rosa observou-lhe:

—Calate. Sabes lá. Tu não gostas do teu príncipe de romance? Imagina que aparecia...

—Dava-me logo. Inteirinha. Assim ele aparecesse. E dizem que eu sou linda...

Ao que Aurora, na sua maneira melancólica e sensual, a debater-se entre a dúvida, respondeu:

—Ele é bom de dizer...

A sombrinha de Leonor, que era a maior, dava para ela e para Maria Rosa. Aurora ia só, com o capô branco da sua sombrinha e a sua tortura. Mas começou a chover mais. Ergueram muito as saias, por causa de uma hipotética lama, que o esfalto não tinha. Juntaram-se mais umas às outras. De frente da Alegria, Leonor embrou:

—Vamos aos passeis?

—Pois sim. Mas temos pouco dinheiro. Entraram. A luz eléctrica, coradas, excitadas, animadas da corrida e do frio, os seus rostosinhos tinham pequenas, inverosímeis fulgoras de um Warteau das ruas. Elas, próprias, aos espelhos verificaram que eram bonitas. Um marcano triste, poeta a noturno das mulheres finas e gulosas, que comem doces metidos dentro de peles e mal mostrando os ossos de bonecas—perguntou que queriam:

—Merengues...

Não havia. Já se não usa nas pastelarias.

—Talvês a Bê ou tenha...

Ficaram. Chovia a cada vez mais. Sosinhas, que para elas o marcano não contava, deram a sacudir as saias da chuva em bagas e a compôr as cabeças. Leonor pôs o pé sobre uma cadeira e arranjou a meia, que no andamento descera da liga laça. Com a pele da luva húmida acariciou a sua própria perna berrada feita. Ao espelho, as duas tristes como o marcano, viram a reprodução daquela graça, as saias brancas aparecendo sobre o dobre da saia macia de veludo, numa espuma de rendas ingenuas. Leonor desatou a rir:

—Se alguém me visse...

—O teu príncipe encantado, por exemplo.

—Calate, que me fazes medo.

Os pasteis eram secos. Sairam.

—Antes tivéssemos comprado amendoas...—disse a mais nova.

A Avenida agora ia mais animada. Os eléctricos, a cunha, suavam nas vidraças. Fecharam as sombrinhas e deram os braços. Atravessaram o Rossio como fantasmas. Era cedo. As mães de Aurora e de Leonor só as esperavam depois das sete. Maria Rosa pediu-lhes que subissem.

O quatinho de Maria Rosa era alegre de dia. À noite fazia tristeza, dava saudade, uma saudade não sabia ela de quê, se do seu cubículo no tempo da mãe, naquela casinha amarela de Santa Clara, se do seu quatinho no recolhimento do Calvário, onde com duas companheiras, que nem ela já sabia como se chamavam, liam romances às escondidas e escreviam cartas de namoro umas às outras. Havia sempre umas que representavam de rapaz.

—Tens fosforos?

Não tinham. Como havia de ser? Maria Rosa resolveu subir ao terceiro andar. As outras ficaram encostadas à porta, a tiritar, no escuro, no patamar do segundo, antes de entrarem no corredor. Apareceu-lhe um rapaz, um que ela encontrava às vezes de manhã e lhe dizia «bom dia, menina Rosa». E nunca dizia mais nada. Ofereceu-se para descer com ela e acender a luz.

—Tenho lá em baixo duas amigas.

—Então, boa noite.

—Obrigada...

No quarto, sentaram-se as três, cansadas em cima da cama. Mas uma lembrou:

—Encharcamos as roupas.

—E se nós as sacudíssemos?

Vedaram as janelas, por causa do frio, com pedaços de fazenda que andavam pelo chão, e foram tirando os vestidos, sacudindo-os, pendurando-os. Leonor foi a primeira. Era a mais magrita, mas a mais bem feita. Aurora olhou-a:

—Tu és um encanto.

—Eu? Com esta magreza! Ora sim...

—Agora estou melhor—notou Maria Rosa. Mais cheia...

Fora, a chuva aspera fustigava as vidraças. Sentia-se na rua os automóveis passar cortando lama às talhadas. Em calças, corpetes abertos, pequenos seios cômicos de rosa subindo de uma leve orla de bordados pobres, um pedaço de perna espreitando da meia alta que acabava onde nascia a orla da baeta branca—as três amigas reviam-se, num espelho pequeno de vidraça, tiritando. Tiraram os sapatos. Maria Rosa acendera o candieiro grande, que servia para os serões melancólicos e cheios de lágrimas, e a roda do foco humilde puzeram elas os três pares, mais humildes ainda, dos sapatos—para secarem.

—E agora ficamos assim, nesta bonita figura?—perguntou Leonor.

—Temos cobertores...

—Olhem se os vossos namorados aqui estivessem a ver-nos...

—Coitado!—murmurou Aurora já com a voz em pranto. Gosta tanto de mim. Tanto!

Incendiou-se-lhe o rosto. Maria Rosa pensou apenas:

—Eles gostam sempre de nós. Depois é que são elas...

É desmanchou o cabelo, pois era a única que já não saía.

—Como sabes tu isso?—interrogou es-

tatica a virgem apaixonada, cujas violetas, amarfanhadas na dobra do vestido, lembravam o seu amor mortificado. Como sabes tu isso?

—Ora. Vem nos romances...

—Os romances são mentira—comentou Leonor...

Desmancharam a cama. Puzeram um cobertor ao longo do leito e sentaram-se, agarradas, a pequena ao meio. Maria Rosa cobriu o grupo com um cobertor de papa, que arranhava. Assim, não. Forraram-no de um lençol, que as regelou no algodão branco e desdenhoso. Aconchegaram-se. Agarraram-se mais. Entrelaçaram as pernas. As suas carnes beijaram-se, indiferentes. Os pés, vestidos de meias húmidas, eram neve. Puzeram a vela em baixo, a ver se aqueciam. A vela tremeluzia no morrão cansado. Não aquecia nada. A chuva, menos raivosa, escorria lá fóra, e agora apenas salpicava as vidraças, defendidas de um cortinado transparente como seda. O calor, entretanto não vinha. Mais, mais ainda se aconchegaram e ficaram assim caladas cinco minutos.

—Aurora, que estará agora a fazer o teu namorado?

—A pensar em mim.

—O meu, anda na pandega.

—Mas gosta de ti, como um doido.

—Como o teu, de ti...

Sob a imobilidade, no meio conforto do cobertor, as três raparigas começaram a sentir-se invadidas de um torpôr, que as ia tomando todas, subindo aos olhos, ao cérebro, aos pensamentos. Estiveram uns minutos caladas. O candieiro começou a esmorecer na luz amarela e sonambula. Aos pés, a vela, ainda atenta, mal alumia o quarto. Leonor tossiu.



—Eu gosto tanto dele! Ele é tão bom!

—suspirou Aurora.

Começou a arfar. Os seus seios turgidos saltaram do corpete. Leonor, com a sua mãosita debil, conchegou-os. Maria Rosa, começou a soluçar devagarinho.

—Tu estás doida. É doutra maneira, está claro...

Sorriram. Voltaram ao seu sono. Leonor, respirando como uma pomba—adormecera.

Norberto de Araujo

APÓLO Telef. N. 4129

TODAS AS NOITES

A incomparável revista

O Ovo de Colombo

O maior deslumbramento

Agrado sem rival

Quarta-feira: Recita de Eduardo Schwaibach, autor do Ovo de Colombo

NACIONAL

Telef. N. 3049 HOJE—às 21 horas

BRILHANTE SUCESSO

O MELHOR ESPECTÁCULO

DE LISBOA

A representação de uma das mais belas peças

dos Irmãos QUINTERO

O mundo é tão pequeno...

ÉXITO MAGNÍFICO

ÓPTIMO DESEMPENHO

Segunda-feira, 8: Recita extraordinária

Primeira e única representa-

ção, nesta época, da peça

Amor de Perdição

GRANDE ÉXITO

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

MILAGRE D'ALDEIA

NO SÃO LUIZ

AUSENDA DE OLIVEIRA

na pastora Maria

Quinta-feira, 4—4.ª recita de assinatura—Estreia da celebre opereta de Strauss "A ÚLTIMA VALSA".

HOJE às 21,30

TEATRO SALÃO FOZ

O ARROZ DOCE

Permanente gargalhada com

NASCIMENTO FERNANDES

e BEATRIZ D'ALMEIDA

O GENIO SHAKESPEAREANO

ZACCONI E O "REI LEAR"

— por —

Lopes de Mendonça

Não assisti, com magua minha, á representação da grande tragedia shakespeareana por Ermete Zacconi. Nem a minha vista, nem os meus ouvidos, alcançariam a distancia que separa o palco do S. Luís da geral, unico lugar penosamente acessível a quem não serve Mercurio nem Vulcano, antes se compraz no culto pouco renumerador de Apolo.

Mas afinal, talvez a minha ausencia fosse vantajosa para o alto conceito que de há anos formo do grande actor italiano. As entrelinhas da critica jornalística corroboram uma convicção que se me arreigou no espirito: mais do que nenhuma outra peça do teatro antiga e moderno, o *Rei Lear* é irrepresentável. Todos os recursos de material scenico e toda a convergencia do talento histrionico são impotentes para realizar a assombrosa concepção de Shakespeare. Só entes sobre-humanos poderiam reconstituir a figura colossal do protagonista, e até algumas das personagens secundarias da tragedia; só a natureza, bafejada por um sopro divino, poderia atingir a grandeza do scenario em que por vezes se movem esses gigantes.

Tudo é excessivo naquele drama frondoso, complexo agregado de varios dramas. Enorme a loucura como o crime, enormes as tormentas do ceu como as tempestades de alma. Daquella remota e ingenua lenda bretã, que já no seculo XIV chegou até nós, infiltrando-se no *Livro das linhagens*, do conde D. Pedro, compôs o dramaturgo inglês a mais colossal das tragedias, apenas comparavel, pela sublimidade da concepção, pela pujança da expressão verbal, pelo arrojo hiperbotico das ideias, ao *Prometeu Agrilhado* de Esquilo.

Quem é capaz de realizar nos palcos semelhante assombro? Houve já porventura algum actor que se abalançasse a esganar no meio de bastidores pintalçados as imprecações do semi-deus do Caucaso? Duvido que, até no ambiente propicio da scena ateniense, a ceu descoberto, com os artificios da mascara e do coturno, essa tentativa não parecesse mesquinha, perante o publico mais inteligente que jamais se congregou nos degraus de um anfiteatro. Pois como querem que, num acanhado recinto sobrado de tabuas e murado de lonas, haja arcebouço assás pujante para arremessar ao ceu, através de um tecto de estaque, as apostrofes blasfemas do velho rei insensato?

Quero contudo admitir a possibilidade de se encontrarem pulmões para esses rugidos que vencem a furia dos elementos, em conjugação com faculdades fisicas e mentais que permitam á estatura humana preencher esse molde semi-divino. A representação resultará ainda assim grotesca, se acaso não reunir um conjunto de artistas dignos de contracenar com o protagonista. E' como se, no desempenho de uma tragedia ciclopica, uns actores de Liliput pretendessem ombrear com Gúli-ver. Porque as *dramatis personae* da excelsa obra shakespeareana tem uma envergadura gigantesca, com a qual só poderão arcar grandes artistas do palco. O dialogo dos três doidos, por exemplo, na floresta semi-fantastica, é como que uma assemblar de titans destrambelhados, a mais grandiosa, quanto a mim, das scenas concebidas por Shekespeare. Nas literaturas modernas, só lhe encontro um paralelo: o mito de Adamastor.

E' nessa monstruosa e aspera epopeia dramatica, no meio desses formidaveis colossos de doidice e de perversidade, que aparece a mais pura, a mais terne, a mais imaculada das criações femininas do grande genio. Vejam quanta leveza é preciso dar a essa figura encantadora de Cordelia para que o seu corpo franzino caiba nos braços caducos do rei Lear e a sua alma perfume aquella mata bravía e hirsuta de crimes e de insanias!

Onde existe companhia teatral que possa levantar-se até esses páramos olimpicos?

Henrique Lopes de Mendonça

Garage Conde Barão

Recolha de 180 carros, abre em 1 de janeiro

Dias, Fonseca & Sotto Mayor, Ltd.

Dão-se informações: Largo do Conde Barão, 50, ou no escritório, Rua dos Fanqueiros, 122, 2.º—Telef. C. 5.430.

VERSOS

Aquela Consoada

POR

ANTONIO ALVES MARTINS



Lembro a noite daquela consoada,
Noite cristã, meu Deus, iluminada
Do nosso amor a arder;
Absorvidos só na nossa vida,
Eu estava esquecido, e tu esquecida
Que ia Jesus nascer!

Noite que foi pra nós de encantamento,
E semente de frio, geada e vento,
Pra os pobres de pedir...
Se não te amasse ainda, meu Amor,
Bastaria essa noite para a flor,
Do nosso amor, se abrir!

Estavamos sosinhos, muito perto,
E o teu coração parecia aberto
Para mostrar o meu...
Era divina e humana a tua fala,
E, por isso, é que tinha toda a sala
Um ar de terra e céu!

Porque oculta razão, porque destino,
Nessa noite votada ao Deus Menino,
Não podeste calar
A ansiedade, sem termo, do teu peito
Desejoso, arquejando insatisfeito,
Como se fosse o mar?

Chegava-nos, de fóra, da lareira,
O estalido da lenha da fogueira
Chamando os teus Avós...
Nessa cristã, tradicional vigília,
Fazia a cela, e a ris, tua Família,
A dois passos de nós!

Qual o começo, enfim, do nosso encanto?
— O começo ideal de qualquer canto
Prestes a ser cantado...
Com que alto amor todo o teu ser me abria!
E por cada palavra que dizias
Sentia-me abraçado!

Corpo de Abril, alma de Primavera,
Bem hajas por teres sido tão sincera,
Pois não o foste em vão...
Nessa noite, para mim já de saudade,
Vi-te a mulher da minha ansiedade,
E do meu coração!

Vi-te a mulher eleita — que alegria! —
O sonho do luar e a luz do dia;
Lirio e rosa brava!...
E pra te ver assim eu tive logo
Uma noite d'amor, em cujo fogo
Nem um beijo faltava!

«Mas, meu Amor, não falei eu de mais?»
— E eu tomei-te e levei-te as mãos leaes
Aos meus labios morenos.

Tinha-nos dado, o amor, aquela hora;
Serias, perante ele, pecadora,
Se falasses de menos!

Batera a meia noite. A consoada,
Ao dar da derradeira badalada,
Trouxe a Família toda.
Tinhamos serenado, meu Amor,
Mas ainda um perfume de flor
Nos perturbava, em roda.

No decorrer da ceia, tua alma
Pensou, então, religiosa e calma,
No Menino Jesus...
Vi-o nascer, e logo abençoar
Toda a sede d'amor — enchendo o ar
Duma infinita luz!

Depois, rodando o lume da lareira,
A pouco o pouco eu vi-te prisioneira,
Do mesmo sofrimento.
Pensavas que te havias excedido;
E era o teu peito um mar arrependido
Do seu desvaivamento.

Não eras minha ainda, não devias,
— Pensavas — revelar-me o que entendias
Só pertencer a ti...
Eu que te adivinhasse, se quizesse;
E que depois, e que depois vivesse,
Tanto como vivi.

Era bem tua alma que sorria;
O orgulho; o pudor... Eu compreendia
A magua desse instante!
Mas jurei alto, como nunca ouviste,
Que nenhuma razão, para estares tão triste,
Era razão bastante!

Se a mulher não diz tudo quanto sente,
Foste mais que mulher: a chama ardente
De indomita ansiedade!
Erguida, assim, a alma, a essa altura,
Desaparece, quasi, a criatura,
E só fica a Verdade!

Eu não te queria, pois, arrependida.
Tinha bem presa á minha a tua vida;
Era uma intrusa, a dor.
E' grande o amor pela sinceridade!
Ganhou, por isso, em nós, a Eternidade,
Essa noite d'amor!

Antonio Alves Martins.

Do poema, *Mulher de Benjam*, a entrar no prelo

POR UMA NOITE DE NATAL...

HISTORIA DE DUAS CRUZES

— por —

Felix Correia

Aquelas duas cruzes que as trepadeiras vicissas uniam tinham por certo uma historia tragica. Perto, um regato murmurava baixinho a sua ansia de não parar nunca, de ir sempre correndo, até ao mar, até ao infinito. E entre a folhagem rumorosa das arvores sempre frescas, branquejava um peneiro onde por certo muita cachopa delirou, ouvindo promessas de encantar...

A historia das duas cruzes — que m'a contaram depois — vou eu dizer-vos-la agora.

— Foi por uma noite de Natal, ha muitos anos. A lua alta, os sinos a tocar para a missa do gado. Toda a familia lá estava, louvando a Deus para que os abençoasse, nunca lhe faltando com o pão da alma — que o pão da boca, graças a Ele, não lhes faltara nunca.

Quando a missa acabou, e todos voltavam para casa, notou o pai que alguém faltava no rancho:

— Que é da Margarida?

— Naturalmente ficou para aí parada a conversar... Mas vamos andando. Ela sabe o caminho para casa...

Naquella noite, a consoada foi de lagrimas. Margarida não apparecera. O pobre pai já corraera todas as ruas, todos os atalhos. E ninguém lhe dava novas da filha!

Pela madrugada, veio-lhe ao espirito uma suspeita:

— O dr. Fernando... Ele olhava tanto, ria-se tanto para ela...

E poz-se a caminho. A terra onde o dr. Fernando tinha a sua casa de campo, o seu automovel, os seus cavalos, distava umas boas leguas dali. Mas o seu coração ardia de impaciencia. E lá foi a pé, por esses campos fóra...

Estava alegre e caricioso aquele dia de Natal.

Já o sol começava a declinar. E a contemplá-lo, aconchegados um ao outro, os dois amantes teciam uma cadeia de beijos e de promessas...

Quando o pobre do homem, as pernas cansadas da jornada, viu a sua filha nos braços daquele moço cujo noivado para tão perto se anunciava, subiu-lhe aos olhos uma visão sangrenta, visão de odio, desejo de vingança. No bolso, torciam-se-lhe as mãos nervosamente, na facha.

Como um possesso, atirou-se a eles, gritou:

— Bandido! Vais morrer como um cão!

E dali a pouco, juntó ao peneiro que ainda ha pouco escutara as suas promessas, as suas confidencias, dois corpos moços repousavam para sempre, unidos até ao fim do mundo pela lamina dum cutelo.

E' esta a historia das cruzes. Quem as mandou erguer? Não sei. Mas conta o povo que foi a propria noiva de Fernando. E assim, naqueles dois pedaços de pedra tósca, abraçados por heras e martírios, apparecem simbolizados três dos mais altos sentimentos humanos: o amor, o sacrificio; o perdão.

Felix Correia

O melhor vinho de mesa,
estomacal, digestivo, aperitivo
que revigora e conserva a saúde é o vinho

COLLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as
boas casas

DEPOSITO GERAL
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES
DE PORTUGAL

R. Nova da Trindade, 90
TELEF. C. 1644

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

Chá das cinco

Um ano a menos

Mais um ano a menos, como dizia o outro. A' manhã, quando nas torres das igrejas e nos relógios de cada um de nós soarem as doze badaladas, mais ou menos pachorrentas, da meia noite, a terra recomeçará um novo giro anual á volta de si propria ou do sol.

E' curioso que, tendo trocado por um prato de dobrada no João do Grão a aula de geografia em que um professor meu muito illustre explicou esta historia dos dias e das noites e suas derivadas, nunca mais vim a saber como é que, nos es paços infinitos, se constroem um ano.

Verdade seja — digo eu aos meus botões para me consolar — que ainda hão-de vir novos Einsteins e novos Galileus, cada um a afirmar uma daquelas teorias, ou outras de igual quilate, até que, no dia em que surja radiosa e nua a D. Verdade, todos acabam por concordar comigo, na preferencia dada ao abalissado restaurante da travessa da Palha, com manifesto desprezo pela sciencia.

Porque eu — que sou franco — confesso aqui deante de toda a gente que não acredito que a terra ande á roda. Quem anda á roda é a lotaria da Santa Casa e, mesmo isso, para mim, não está cabalmente provado, porque ainda não tive a sorte, na minha longa juventude, de obter sequer a terminação.

E muito menos creio que o mundo seja redondo. Isso era dantes que eu engrolava dessas! Até uma vez tive que vir do Rio de Janeiro á toda a pressa, só por me lembrar de que, sendo o Pinheiro maluco meu antipoda, um de nós estava por força a andar de cabeça para baixo. E eu é que ia ficando maluco!

Seja lá com fór, porém, o caso é que está a terminar o ano de 1922, que o diabo leve e Deus não torne a trazer. Chegámos vivos ao fim, se escaparmos de amanhã, e isso, segundo os ricos e os pobres, já é andar com sorte. Que mais havemos de querer?

O de 1923 desponta agora como uma esperança... não sei bem para quem. Para mim não, que já de antemão me vejo a despedi-lo com as mesmas ênhas dedicadas ao actual, possivelmente mais interessantes do que estas, pela circunstancia de me chegar a inspiração antes do chefe da tipografia, que reclama o original.

Em todo o caso, aproveito o ensejo para desejar as mais felizes entradas a todos quantos, por terem a dita de ler o «Diario de Lisboa», tenham a desgraça de percorrer estas mal alinhavadas regras. Ma! alinhavadas de proposito, note-se, para que representem, como quem não quer a coisa, o simbolo provavel do ano que entra, destrambelhado, manco, zarólio, sem pés nem cabeça...

José Paulo da Camara



Aos fumadores de tabaco francês

Pedimos para experimentarem o nosso delicioso tabaco PORTUGUEZ em onças de 16 gramas. Nunca no nosso país houve melhor tabaco. A venda em todas as tabacarias. Unicos importadores para Portugal e Colonias

MONTEIRO & LOPES, Ltd.

Rua da Madalena, 66, 1.º

Rua do Arsenal, 92 Telef. C. 3708

ORDEM PUBLICA

As bombas

que a noite passada explodiram

terão relação com a da igreja do Socorro?

O facto de três delas serem colocadas junto de templos, pode levar a crêr que se trata duma manifestação anti-religiosa

O assunto do dia de hoje foi a explosão de varias bombas, durante a noite passada, que levou as autoridades a tomar rigorosas precauções.

O facto de três terem explodido junto de igrejas fez correr a versão de que elas eram, como a que rebentou no Socorro, uma manifestação anti-religiosa. Vem ainda em reforço desta versão a circunstancia de estar marcada para daqui a três dias a imposição do barrete cardinalicio ao representante diplomatico de Sua Santidade em Lisboa e de se andar discutindo a liberdade do ensino religioso que a demissão do sr. dr. Leonardo Coimbra veiu, porventura adiar.

E' bem possivel, porém, que nada disto tenha fundamento. Por nossa parte limitamo-nos a condenar, que em nome da Liberdade, se faça uso de tão revoltantes processos que põem em perigo a segurança de propriedades e a vida de pessoas.

E' sempre, contudo, interessante, registar as varias hipoteses que se formulam nestas occasiões para explicar tão monstruosos atentados.

O facto de uma das bombas ter sido colocada perto do consulado da Italia, é de molde a fazer suspellar que existe um plano destinado a aterrorizar quaisquer individuos que porventura pensem criar em Portugal um simulacro de «fascismos».

Esta é a opinião dum conservador. Agora a dum exaltado radical:

—Não pôde ser! A propaganda da Republica, o esforço dos republicanos, foi sempre principalmente contra o clericalismo. E agora querem que isto volte á antiga! Não pôde ser! Não ha-de ser...

Mas voltamos a perguntar: —Quem teria lançado as bombas de ontem, á porta do consulado de Italia, junto das ermidas de S. Nicolau, de Santa Isabel e do Campo Grande e perto da residência do Chefe do Distrito?

Já se fala para aí em novos homens de capote á alentejana, posta de parte a ideia de poder ter sido apenas um o autor de tantos crimes, por serem praticados á mesma hora em locais diferentes.

—Com que intuito?

Ouçamos agora a opinião de alguém

que, não pertencendo a qualquer partido, anda sempre informado do que se passa nos *bas-fonds* da politica:

—Digam o que disserem, a razão dos atentados é apenas uma: —realizar-se no proximo dia 3 a imposição do barrete cardinalicio a Mgr. Locatelli. Alguns republicanos mais exaltados não compreendem que essa cerimonia é um acto puramente diplomatico, com o qual nada tem as intrigas ou as preferencias dos nossos politicos, não revestindo caracter algum liturgico ou ritual, não sendo sequer um acontecimento religioso.

—Disse republicanos exaltados... —dissemos nós.

—Sim. Por todo o país, especialmente no Porto e em Lisboa eles se agitam, sendo sua aspiração que a cerimonia se não realize. O grupo civil da Vitoria reuniu e fez sentir aos seus congeneres de Lisboa que é necessario sair-se da apatia em que eles se encontram, *agitar*, de maneira a evitar o avanço da *reação*.

E o nosso amigo concluiu, com tristeza:

—Modos de ver... Modos de ver...

O que parece, pois, embora não esteja averiguado, é que os criminosos atentados de ontem, iguais ao que estilhaçou um altar na igreja do Socorro, são de natureza politica, por ventura anti-religiosa, embora, a mascarar-se, junto de uma ou outra bomba, apareçam papeis tendentes a desviar a verdadeira origem dos desacatos e crimes.

O que é necessario é que energicas providencias se tomem, no sentido de evitar que a vida e a segurança de milhares de pessoas estejam á mercê dos caprichos moribundos de alguns exaltados, que fingem ignorar que certos crimes politicos acabam por ser repugnantes crimes comuns.

E acima de tudo é necessario evitar por todas as formas, que uma solemnidade de importancia diplomatica da cerimonia de terça-feira, possa ser estrondosamente perturbada, o que constituiria uma vergonha para os portugueses e um argumento para os estrangeiros que dizem ter Portugal perdido os direitos historicos que a sua expansão e serviços á Fé lhe atribuíram.



Os garotos—Jorge Barradas

O garoto é o lord das ruas. Sabe mais que os jornalistas e de que os proprios jornalistas que ele vende. Discute, faz *meetings*; acorda tresnoitado, como a passara das arvores do Camões. Senhor e rei das ruas, mas senhor indiscutivel, mas rei sem trono, com a gloria do sol e a sua irreverencia.



«As varinas»—Jorge Barradas

As varinas têm uma Lisboa sua, muito sua. É a Ribeira, o Mercado do Peixe, o Aterro. São as mais lindas vozes da cidade. Têm o mar na garganta. Bruscas, sacudidas, feitas de pressas, salpicos de côr, labareda, elas descem á Madragã, sobem as avenidas, luxuosas de sol e ouro. A varina é a ultima nereide.

Pelos teatros

Ano novo

O «Diario de Lisboa» que, desde o seu inicio, mantém esta secção, dia a dia, a despeito do escasso meio litterario em que vivemos, julgando ter satisfeito uma natural aspiração de quantos tem pelo teatro verdadeiro carinho, alheio a polemicas e a intrigas de bastidores, saudou todos os artistas portugueses, aos quais deve muitas provas de amizade e de dedicacão. e, naturalmente, a todos aqueles que á sublime arte de representar emprestam o seu concurso, quer litterario, quer artistico, desejando-lhes um ano novo, cheio de prosperidades e venturas.

A festa de Schwalbach

Realiza-se no proximo dia 3, no Apolo, a festa de Eduardo Schwalbach, o popular comediografo, autor da aplaudida revista «O Ovo de Colombo», em pleno exito, naquela teatro.

Atrás do reposteiro

Programa dos teatros, amanhã e depois: Nacional, «O leque de lady Margarida», brilhante peça de Oscar Wilde, que breve sairá da scena para ativar o repertorio; Politeama, «Mamã Colibri», a linda peça de Bataille, que Palmira Bastos faz deliciosamente; S. Luis, «O milagre da Aldeia», que faz as suas ultimas representações; Eden-Teatro, a revista «Tiro ao Alvo», em pleno sucesso; Avenida, a peça «Cama, mesa e roupa lavada», que é um monumento de graça; Apolo, a revista de Eduardo Schwalbach, «O ovo de Colombo»; no Salão Foz, a comedia «O arroz doce» e no Coliseu dos Recreios, espectaculos de circo, em «matinéas» e «soirées».

—Está um pouco melhor dos seus incomodos o ex actor Carlos Passos, tesoureiro do Cofre de Subsídios e Socorros do Teatro Nacional.

—Deve subir á scena, no Nacional, no proximo dia 10 de Janeiro a peça inglesa, de grande sucesso em toda a Europa, «Mister Wu», interpretada nos seus principais papeis por Clemente Pinto, Palmira Torres, João Lopes, Emilia Fernandes e Matos Reis. Antes, porém, deverão fazer-se, na proxima semana, alguns espectaculos com os «Peraltas e Secias» de Marcelino Mesquita, e «Os Velhos», de D. João da Camara, realizando-se no dia 8, em recita unica, um outro com a peça «Amor de Perdição».

—Estreia-se hoje no teatro Carlos Alberto, do Porto, a companhia Irene Grave, dirigida por Jorge Grave, com um magnifico repertorio de peças policiais. A peça de inauguração é «As duas garotas de Paris», de Eduardo Schwalbach, pela qual ha grande curiosidade na capital do norte.

—Rafael Marques, na peça «A Montanha», de Luna de Oliveira, original que vai representar-se no Nacional, interpretará o difficil papel de «Viriato».

—Volta a falar-se na exploração do Coliseu dos Recreios, de abril em diante, com espectaculos de revistas, montadas com grande esplendor, havendo até já uma vantajosa proposta entregue por um conhecido e activo empresario.

—Regressou duma larga «tournée» pela provincia e por algumas terras de Espanha, o actor Armando Baptista.

—Para satisfazer os instantes pedidos do publico, amanhã e depois de amanhã, sobe á scena no teatro Nacional «O leque de lady Margarida», suspendendo-se as representações de «O mundo é tão pequeno...», apesar do exito desta linda comedia dos irmãos Quintero.

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—A's 21—«O mundo é tão pequeno...».
S. Luis—A's 21—«Milagre da aldeia».
Politeama—A's 21,30—«Mamã Colibri».
Avenida—A's 21,30—«O amigo de Peniche».
Apolo—A's 21—«O ovo de Colombo».
Eden-Teatro—A's 20,15 e 22,30—«Tiro ao Alvo».
Salão Foz—A's 21,30—«Arroz doce».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo.
Gli Vicente—Aos domingos, segundas e quintas—«A Casta Joana».

POLITEAMA

HOJE

Mamã COLIBRI
com PALMIRA BASTOS

Alvaro de Andrade

Encontra-se em Proença-a-Velha, onde foi passar, com sua esposa, as férias do Natal, o secretario da redacção do *Diario de Lisboa*, e nosso querido amigo, Alvaro de Andrade.

DIARIO DE NOTICIAS

O seu 59.º aniversario

Passou ontem o 59.º aniversario do nosso presado colega *Diario de Noticias*.

O *Diario de Lisboa* que entre os que trabalham no *Noticias* só conta amigos, apresenta a todos e em especial ao seu illustre director, sr. dr. Augusto de Castro, as suas felicitações.

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

UMA PAGINA DE RECORDAÇÕES

Em casa da viuva do Presidente Arriaga

O que sentiu e surpreendeu, indiscretamente, o jornalista
POR ARTUR PORTELA

Neste mesmo instante, depois dum silêncio fundo em que uma tela inglesa que, julguei Anunciação, compreendeu o meu embaraço, três passos suaves marcaram no tapete vermelho.

Andara a pisar a alcatifa, a fixar a retina nos espelhos; a surpreender os retratos de amizade; a dizer comigo mesmo a primeira frase com que acolheria a viuva do grande Presidente que foi Manuel de Arriaga.

Ela abriu no painel da face um lindo sorriso, aquele sorriso que a mocidade conserva nas almas boas que teem sol.

Eu diria dela, sentindo a carícia inefável da sua voz tamanina, levantada de sorrisos, olhando a sua figura que o preto aperta e dá grandesa, as orbitas grandes para nelas caberem o sonho, a finura do nariz, o traço das rugas, o estambre do cabelo, com lutos de tempo — que minha mãe ia falar.

E na sala humida de rendas, às vidraças; vermelho de labareda apagada, nos reposteiros; piano fufado; doirados pobres a um canto a erguerem a cabeça uma anfora de arte; ar triste, meio canto de penumbra triste, silenciosa, grave, tão boa aos sessenta anos que vivem de recordações, andava aquele encanto que tocava de emoção e graça a cabeça de D. Lucrecia Arriaga e ajudava a erguer as cinzas dos acontecimentos de há dez anos, em que eu recejava tocar, temendo desfazê-las.

D. Lucrecia Arriaga não quiz uma entrevista. Mas, sinceramente, não quiz. E é uma inconfidência que vamos fazer abrindo ao mundo a sua sala de exilada. Ela perdoará a quem disse que lhe inspirava tanta simpatia.

Eu apanho o dialogo, na fraze mais interessante.

—Ha muito tempo que mora aqui...

Ela juntou as mãos, depois de ter castigado silenciosamente a sua pele negra sobre a golinha alta do vestido.

—Logo que o meu marido morreu...

—Ah, ele não conheceu esta casa...

—Esta não! Morámos aqui ao lado e como a vista do mar — não calcula, a varanda de trás é um verdadeiro mirante! — é muito linda, ele ia para a janela.

—Gostava do mar...

D. Lucrecia Arriaga animou-se. O sorriso aqueceu-a toda numa restea de sol dourado, ouro velho, e fez!

—Tanto! Tanto! Ensinava os filhos vendo o rio; compunha versos; scismava. Quantas vezes me dizia: Podes sair, não me deixas sózinho. Estou sempre acompanhado pelo meu espirito!

—Sonhava!... Eram os mares da sua ilha que ele recordava, olhando o Tejo...

—Foi no Faial que o conheci. Tinha dez anos, sabe?

E com uma ternura, quasi a córar, simples como as rosas dos valados, alvoroçadas de cor, repetiu:

—Foi lá que o conheci...

—E casou...

—Não. Esperámos quatorze anos. Os senhores de agora já não esperam tanto tempo...

—Só nos romances...

—Ele foi para Coimbra. Andou de capa ao vento, fazendo versos. O seu mais lindo tempo de que ele tinha saudades. O pai, sabe? — sacudiu a voz — cortou-lhe a mezada. Deu lições, fez-se por si.

—E quando foi presidente da Republica, gostou...

—Chamaram-no, bem vê. Mas Coimbra! o seu tempo de Coimbra!

—Os Cantos Sagrados feitos nos bosques do Bussaco... Qual das suas poesias é que gosta mais...

—Daquelas que tem filosofia, não. — Arrependendo-se. — Eu gosto de todas.

Não me atrevi a fumar. D. Lucrecia Arriaga por vezes, com delicadeza, procurava a

conversa noutros pontos. Com uma frase minha no entanto voltava a sacudir as cinzas com que os homens embaciaram a memoria de Manuel de Arriaga. Ela gostava. Eu falava-lhe de amor ao seu amor e a sua alma debruçava-se sobre mim, contente, como uma flor no alto dum muro. Os versos:

—E deixou de escrever quando foi para Belem...

—Não. Fazia sátiras...

perdão tão grande como só a nobreza o dá. Contou:

—Estávamos em Belem, a jantar. Meu filho Roque conversava. Meu marido olhava-o. Havia silencias na conversa. As balas crepitavam. Tinham fugido os jardineiros; alguns soldados. Explosões mais vivas. Para lá do jardim, junto aos cais, deviam andar os navios de guerra.

—E o senhor Presidente...



D. Lucrecia de Berrêdo Furtado de Melo e d'Arriaga

—Talvez alguma castigasse a sua posição...

—Sim... Sim... Quem se acercava dele ficava encantado... Queria a sua Republica, como ele dizia, muito digna...

Houve um silencio. Escutei um pouco a minha alma. O 14 de maio! — pensei. Mas ia ferir. Retirei lento as minhas pupilas da Viuva, nobre de porte. Ao fundo da sala, por detraz dum meio arco, um cadeirão de couro lavrado de grandes braços dividia uma parede. Em frente, uma secretaria pouco cheia de objectos. A penumbra ali dormitava. Havia sinais de silencio como nos claustros que não têm passos.

Atalhei:

—Ele sofreu muito... O 14 de maio!

A cabeça de D. Lucrecia Arriaga declinou um pouco vencida. Mas o seu sorriso teve mais uma pluma, foi um grande perdão, um

—Triste. Muito triste! Eram tão injustos para ele... Dois officiaes apareceram... E as balas sibilavam... Vinham palidos, extraordinariamente palidos...

—E o que disseram...

—Sr. Presidente, v. ex.^a deve retirar-se. Andam tropas... veem tropas. Meu marido não quiz. Meu filho Roque calava-se, conversava, tornava a calar-se... E as balas, sempre as balas, com ruidos crispantes... Outra vez os officiaes... Meu marido saiu.

—E a D. Lucrecia?

—Tambem. Chegámos a Queluz. Ficámos no palacio. Ele não dormiu...

—Agitado... Nervoso, era natural...

—Não, triste, tristissimo. Se ele era tão bondoso! De manhã quiz voltar para Belem... O automovel passou por entre a tropa... Houve tiros. Dois soldados caíram das selas, feridos... Ele não sofreu nada.

E remata:

—Pimenta de Castro era um homem muito honrado, muito justo, mas não correspondeu ao que se esperava...

A cinza desta recordação caiu. O sorriso da viuva era o mesmo. Ha almas tão grandes que nelas a maldade só encontra beleza.

—E depois — risquei.

—Fomos para as Janelas Verdes... Meu marido gostava muito de musica, de flores, de animais. Tu és um naturalista, dizia-lhe...

—O panteismo dos seus primeiros versos...

—... E tanto de musica, que ainda no dia em que morreu esteve a ouvir fonografo... Conservo os seis discos que se tocaram... A proposito de qualquer compositor ele historava-lhe a vida, dizia as suas obras principais, falava... A's vezes durante meia hora.

—Conserva muitas recordações...

Com a voz com que se confessa o primeiro amor:

—Ainda não viu a minha capela? E' ali... Aponta para a sala onde o silencio cai, como nos claustros ou nos museus.

D. Lucrecia Arriaga conduziu-me. Quatro estantes, duas de livros e duas de recordações. Caricaturas em barro, uma pedra negra, talvez do Bussaco; uma borboleta de grandes azas de seda azul, cordiforme, arredondada em coração...

—Foi o embaixador do Brasil quem lh'a deu. E' linda, pois não é?

Noutra estante:

—E' o Birch. Ele gostava muito de meu marido.

—A D. Lucrecia está aqui...

—Estou. Estou. Os inglezes gostam muito que lhe falem na sua lingua... O senhor fala inglês?

—Não!

—Pois é pena!

—O retrato do dr. Antonio José d'Almeida...

—Gosto muito dele... Está para cá vir — diz ela, revelando uma nota de ternura desconhecida do grande tribuno. Ha pastas, diplomas, brochuras.

D. Lucrecia Arriaga folheia agora um grande livro.

—E' a sua historia.

—O psalterio da D. Lucrecia.

São recortes de jornais, gravuras, pedaços de ilustrações, tudo amorosamente colecionadas. Ela não se detem, folheia sempre, mostra, destaca com carinho, confessa mesmo, olhando um Arriaga em tempos de estudante:

—Está tão lindo aqui. Já fazia discursos...

—E a D. Lucrecia gostava...

—Respeitava...

Insisto:

—Gostava?

Repete:

—Respeitava... Eu nasci sob a bandeira azul e branca... Meu pai foi governador nas ilhas, depois em Portugal em quasi todas as cidades. Nasci sob a bandeira — com um dizer de ingenua — ouvia a musica dos regimentos... A minha capela!

No tapete julguei ver uma mulher resando, talvez a mesma mulher que falava:

—Meu filho morreu e foi para logar santo... Toda a minha familia... O meu Manuel deu a entender no testamento que gostava de ser acompanhado pelos padres... Mas não quiseram, tiveram medo... Lá está no jazigo... Contrariei-o um pouco...

—Contrariou-o...

—Sim, contrariei-o. Queria ir para a terra...

E foi ali, naquela capela, onde o lindo ausente estava em cada retrato, a viver a falar baixinho, a prolongar aquela ilusão de mulher, a dar-lhe sorrisos, a pedir-lhe o seu, a pedir-lhe amor ainda, que D. Lucrecia Arriaga, decerto, ajoelhou quando me fui embora

Para CURAR ou ALLIVIAR a

TOSSE

TOME AS ANTIGAS E AFAMADAS
PASTILHAS PEITORAES

DO

DR. ANDREU
DE BARCELONA

Favorecem a expectoração e a tosse desaparece
quasi sempre antes de se acabar a primeira caixa
SEO ANTIGO CREDITO DATA DO ANNO 1886

ASTHMATICOS

usar os CIGARROS e PAPEIS
AZOTADOS do mesmo AUCTOR

que calmam
imediatamente a
ASTHMA
por mais forte que
seja.

DEPOSITO EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositaros gerais para Portugal e Colonias:

Gimenez-Salinas & C.^a

9, Rua Nova da Trindade, 1.º — LISBOA

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS A

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^a L.^{da}

LISBOA

PORTO

Rua do Crucifixo, 49

246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA

Rua do Ouro, 18, 24

PORTO

Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos
nacionais e estrangeiros

JOIAS DE BOM GOSTO

OURO, PRATAS, antiguidades, cristais guarnecidos,
peças artisticas de novidade, proprias para brindes

Vendas com garantia

Desconto aos revendedores

Saraiva, Costa & Santos, L.^{da}

OURIVES-FABRICANTES

VARIEDADE em objectos novos e em segunda mão que ven-
demos só pelo peso

enfrentem os nossos preços

TELEFONE NORTE 3954

44 -- RUA EUGENIO DOS SANTOS (Vulgo Santo Antão) -- 44
LISBOA

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000.000\$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000.000\$

Operações — Descontos — Transferencias — Empréstimos e
creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—
Cartas de credito sobre o pais e estrangeiro—Depositos á
ordem e a prazo—Guarda de titulos—Aluguer de cofres
(casa Fichet, Paris)

FILIAIS : { PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO
—SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do pais
e em todas as praças do estrangeiro

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Artigos de escritorio

Material para desenhadores

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

OURIVESARIA CASTELHANO

21, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 21
(ANTIGA RUA DE SANTO ANTÃO)

:: Compra e
vende aos me-
lhores preços
joias antigas
e modernas,
ouro, platina
e pratas ar-
tisticas. : : : :

Grande exposição
de joias antigas

LETRAS FEMININAS

O Amor

Crônica do sempre remocado, eterno tema, por Clarinha

O Amor! Nem vale a pena voltar a esse eterno tema, desde que *Ovidio*—nascido 43 anos antes de Cristo—o resumiu em paginas vivas, encantadoras, espirituosas, unicas, em



que os conselhos se misturam á filosofia melancolica do inevitavel e da descrença.

Amar, padecer, amargar as horas deliciosas do «Encantamento» como diria Wagner.

Suponhamos que realmente o amor existe — o que eu não creio — e vejamos que horribes tormentos, que torturas imensas, podem nascer dum sentimento animal — tambem as feras amam, e com mais carinho.

Como animais pensemos nas mil amarguras que afligem o corpo — vaso sagrado onde resplandece, florescente, o espirito encantador.

Ovidio ensinou ás mulheres os segredos que prendem, e como epilogo á sua obra magnifica, deixou num escrito, de que só restam paginas meio-destruidas, os mil inventos que prolongam a mocidade e embelezam a velhice.

No seculo dezessete vemos, com pasmo, o Rei-Sol abandonar a formosa *Montespan* pela austera, inteligente e astuta *Madame de Maintenon*—rainha sem sceptro, rainha de facto, reinando sobre a França, que então conduzia o mundo...

No seculo dezoito existia o amor caprichoso, frívolo, apaixonado, com todas as nuances do sentimento.

E vem depois a Revolução e com ela o amor livre, a Patria, a Bastilha, *Madame Roland*, a formosa *Tallien*, para logo surgir, encantadora e *souple*, a crioula *Josefina* e com ela o Imperio, onde damas ensaiadas nos bastidores da *Malmaison*, arrastaram depois, nas Tulherias, as musselinhas bordadas a ouro, as cachemiras da India, as estonteantes joias que Junot levou de Portugal, para as lançar aos pés de *Paulina Bonaparte*, a Venus imperial, frívola, gentil e bela.

A seguir nasce de novo o sentimentalismo, voltam os apaixonados lugubres, as cintas estreitas, donde provêm as olheiras fataes, o suicidio, e a loucura.

E agora, e agora, de todos os seculos se arranca uma leve, subtil scentilha. Somos fataes, crueis, viperinos, romanticos, e até espirituosos — mas sobretudo frívolos, como a frívola *Josefina*.

Vejam esta scena, num baile, passada longe de nós.

Não ouvimos, pois. Só os gestos nos elucidam.

O homem fala—tem o olhar tenebroso, o cabelo farto, e puxa, com ardor, o bigode curto. A mulher, essa se lhe vai melhor o perfil, volta-se para ele languidamente, o hombro descoberto—descida a ligeira sêda, bordada a oiro, que segura—oh terror!—o pedacinho de crepe diafano, a que chamam vestido, e sorri maliciosa, feliz, perturbante.

Diz-lhe talvez futilidades leves: que vá

amanhã a um chá, que já toca o ultimo tan-go... E mostra, entre os labios entreabertos, os dentes alvos, enquanto o olhar malicioso, coado entre as pestanas densas, procura outra vitima.

Abre o leque largo, o grande leque emplumado, que mais parece a cauda duma avestruz magnificante, sacode a cabeça num gesto airoso e altivo, procurando o meio de mostrar, sob as saias longas, o longo sapatinho onde brilham lantejoulas. E pensa nesse instante: Terá a *Martin* acabado o meu vestido azul? Chegaria de Paris a minha capa de arminho?

Que mais posso eu dizer? Era assim antes de Cristo, será assim quando mil seculos depois de nós, homens cheios de fé e de sciencia tiverem inventado coisas tremendas, admiraveis, espantosas.

A mulher, essa inventou tudo quando Eva no seu primeiro sorriso levou a Adão a desobediencia e a loucura.

Aqui, nesta montanha alta, já existe *flirt*, a mentira, a sedução. No fundo de cada alma de mulher há só uma preocupação — cativar o homem, prendê-lo a ela sem olhar a meios, nem a virtudes.

Mas talvez eu me engane, e vou contar porquê—vi um dia uma mulher linda, airoza, encantadora, contemplar com desvanecimento, o seu companheiro.

Olhei-o por curiosidade — era *vesgo*, desdentado, pavoroso. Mas ela amava-o, e as suas botas cambadas pareciam-lhe os modelos mais perfeitos do *Welstern*, os seus olhos tortuosos o mais doce olhar da criação.

Era no comboio. E ele ordenou severo: — Fecha-me aquela vidraça! Ela obedeceu, tremula de prazer e gôso. Ainda há amor...

CLARINHA



O Junquilha

por Rocha Junior

No cimo duma rocha, alta e distante,
chora um junquilha triste e dolorido:
Não pode abrir seu calix resequido
sem um beijo de luz, de sol brilhante.

E esse beijo de luz, inebriante,
que o faz sorrir de amor, desvanecido,
vinha trazer-lho sempre, estremeado,
a Madrugada clara, a loira amante.

Hoje, porém, nos ceus o sol nublou-se,
e a sua linda amante não lhe trouxe
esse beijo de luz, de amor, de brilho...

Ai, chora amigo, assim, nessa amargura,
que eu tambem vivo numa noite escura...
—Eu compreendo a tua dor, junquilha!

MOBILIAS

O que ha de melhor
O que ha de mais barato
O que ha de mais artistico

Sempre para confrontar 3 mobílias completas

Por Esc. 3.450\$00

Casa de jantar ou quarto, escritorio e sala de visitas

J. de Gouveia, Campos & Comp.ª, Lim. da

152, Avenida da Liberdade, 152 (Junto ao Teatro Avenida)

UMA VOCAÇÃO

A estreia

da actriz Amelia Bastos, e uma conversa com a iniciada

Uma vocação é uma coisa muito sagrada. Não sei que escritor dizia que o teatro tem qualquer coisa de convento. Entra-se e morre-se nele. Uma estreia que se faz em teatro é como um noviciado que se toma. E' como um molho de ilusões que se colhe.

Para o teatro—palacio encantado de fantasticas miriades de estrelas e de ambições tresloucadas de glorias — só se vai animado por uma grande paixão de amor, que, como aquelas que vivem nos corações, vencem preconceitos de familia, contrariedades, conselhos mais velhos.

Quem vai para o teatro por interesse nunca passa da porta. Só lá entra quem nasceu predestinado para ele. Só lá triunfa quem ao destino juntou a paixão, que é uma especie de virtude immaculada.

Ha poucos anos o teatro português, sobre um tapete de flôres, viu entrar uma noviça: Amelia Rei Colaço. Agora vai ver entrar outra: Amelia Palmira Bastos.

As ilusões que a primeira levava na sua brachada florescem de quando em quando. As desta hão de florir tambem...

Fomos ha dias a casa da noviciada. Amelia Bastos, filha da excelsa actriz Palmira Bastos, é a mocidade mais fresca e mais enternecida que o teatro podia ambicionar.

Creada no ambiente de arte e carinho de arte, florinha de estufa desabrochada entre mil cuidados e precauções, Amelia Bastos, que se vai estrear nas *Rosas de todo o ano*, ficou romantica. Ser-se romantica é em teatro uma condição desde que o romantismo não seja exagerado, não se converta em pieguice e não entre nos dominios do sentimentalismo morbido.

O romantismo de Amelia Bastos é ainda sinceridade, infantilidade.

Fomos vê-la. Surpreender as opiniões de de uma creança, senhora que começa, é sempre interessante. E' nos salutar. Amelia usa um sorriso muito aberto, tem uns olhos escuros mas muito claros, e porta-se diante de nós como uma inspiração que fôsse desvendada.

—Vai para o teatro por tendencia, não? Por tendencia e por paixão. Minha irmã

nunca se preocupou com teatro, eu então não sonho com outra coisa.

—Sua mamã contraria-lhe a vocação?

—Sempre. Só agora começou a transigir.



Transigiu de todo. Meu pai havia recomendado que me contrariasse; a mamã, até onde lhe foi possível, assim fez. Mas eu teimeei e venci.

—Qual o genero de teatro que prefere?

—Todo o teatro é bom, desde que a gente o sinta. Eu sinto muito o teatro romantico, e encontro um gosto especial nestas peças do teatro moderno, onde passa um fio de sentimento que dá tão bem a vida.

—Qual o seu autor francês preferido?

—Bataille. Bataille agrada-me extraordinariamente. E' tão humano!

—Lê muito?

—Gosto muito de ler. Lêr é um alimento não só para o espirito mas tambem para a alma.

—Qual o teatro português de que mais gosta?

—Por exemplo: D. João da Camara, Garrett. Gostaria de fazer a *Elena do Frei Luis de Sousa*. A *Madrugada* do Fernando Caldeira, é uma peça da minha predileção.

—Como entende o teatro? sofrendo e vindo de verdade com os nervos e com as lagrimas, ou artificializando a dôr?

—Pela verdade, entregando-me toda á violencia do papel, chorando não só com a minha arte mas tambem com os meus olhos, quando o autor manda chorar.

—Escrava perfeita...

—E' certo. E' essa especie de escravidão á verdade que fez de mim uma enamorada.

—Mas isso é contra as regras que mandam que um artista fique isento, na sua individualidade, da individualidade do autor.

—Não sei o que dizem as regras. E' assim que eu sinto e é assim que eu vou para o teatro. Parece-me de resto que reproduzir uma criação do autor não é confundir-me com ele.

—Diga-me: de todas as peças que conhece e de todos os papeis, qual aquele que sonharia fazer?

Ela sorriu timidamente. Exitou.

—Não digo...

—Diga diga...

—«La Vierge Folle»...

E corou. Disse a seguir, explicando a sua posta audacia:

—Mas ainda é muito cedo. Eu não vou para o teatro para ser estrela, vou para trabalhar. Qualquer papel tem beleza. Onde houver uma responsabilidade cabe bem a minha ansiedade de pertencer ao teatro. E, se Deus quizer, um dia poderei fazer *La Vierge Folle*, esta ou outra qualquer.

Tinhamos descoberto o temperamento da nova actriz. Deixá-mo-la nos braços de sua mãe revolvendo o seu sonho, que é o alvoroço intimo do artista, sagrado alvoroço que está muito acima do egoismo das plateias, da insaciedade dos criticos faceis, da ingratidão do publico indifferente.

Amelia Palmira Bastos—porque esta criança é em forma e em espirito a propria mãe—, tem diante de si uma estrada que se abre, cujo chão são flôres e punhadinhos de renda nas primeiras horas da caminhada e cujo fim é longe, tão longe, que rariis mas vezes se chega ao meio do caminho.

Se essa estrada não puder ser para ela sempre atapetada de ilusões e de bagas de luz, então—que seus passos nunca vão além das primeiras horas.

OS AZES

DO TOUREIO
NO NOVO ANO

Para elucidarmos tanto quanto possível a nossa «aficção» bastante decaída entre nós, pela negligência dos nossos artistas tauromáquicos, traduzimos de uma revista espanhola, uma recorte, que mais interesse podem despertar.

Figuravam na primeira «plana» da tauromaquia espanhola no princípio da temporada de 1922, Juan Belmonte, Sanchez Megias, Gallo, Chicuelo, Granero, M. Lallanda e Varellito.

Os três primeiros estavam ausentes na America. Manuel Granero e «Varellito», que nas primeiras exhibições da temporada continuavam a confirmar os créditos já conquistados, sofrem as colhidas mortais que ainda estão na memória de todos nós.

Ficavam, pois, em campo, Manuel Gimenez Chicuelo e Marcial Lallanda. Mas Chicuelo e Lallanda, que era de supér que trabalhassem para se engrandecerem, nada fizeram para levantar os seus créditos, decaíram, e podem-se contar pelos dedos as «faenas», dignas da sua fama, que têm realizado por Espanha, e em troca os escandalos, as «brincas» e os espectáculos lamentáveis têm sido muitos. Que sucedia então? Ninguém fazia nada? Concordamos plenamente com o que traduzimos, pois assistimos a alguns desses escandalos e «brincas», tendo-o até anteriormente escrito.

Houve então um dos novos, Nacional II, que, embora novato como matador, de corrida para corrida, se começava a destacar, arrimando-se sempre, pondo um entusiasmo desusado e um louvável esforço em tudo que fazia. Logicamente este toureiro escalou um dos primeiros postos, e isto sem esquivar-se a tourear na praça de Madrid, que é o que caracteriza os tempos que vão correndo...

Maera fazia outro tanto; ainda que não se exibindo muito na capital, o seu arrojo e a sua valentia também o colocaram em breve tempo entre os distinguidos.

Assim, estes dois «diestros» (Nacional II e Maera) disputavam com Chicuelo e Lallanda os primeiros lugares.

Chicuelo então Sanchez Megias, da America, naturalmente com paladinos tão pouco animados, como Chicuelo e Lallanda e tendo ele tudo o que Nacional II e Maera poderiam ter... e «algo más», claro é que a sua figura desmaiou-se durante todo o resto da temporada, como o primeiro entre todos. Forte, seguro e valente teve uma temporada brilhantíssima e a sua carreira tauromáquica até há pouco que cortou «la coleta» foi das melhores.

Tinhamos pois, Megias, Chicuelo, Lallanda, Nacional II e Maera... Que faziam os demais?

«La Rosa» sustentava com dificuldade o seu posto, para conservar o seu prestigio de toureiro fino e artístico, mas sem conseguir subir, nem mais um ponto na escala; fracasso sobre fracasso, alguma faenazita «y nada más».

«Fortuna» fez uma bonita temporada; começou fraco mas melhorou, tendo exitos em Madrid, especialmente como estoqueador, estando á cabeça dos que seguem a categoria dos «Azes» do toureiro.

«Nacional I» sustentou o seu «cartel» e a sua categoria. Não será «diestro» de muitas...

dezenas de corridas e ficará na 2.ª fila, num posto muito discreto.

«Saleri», desceu bastante. Não é crível que dure muito. A sua temporada foi muito deficiente.

«Freg», depois da gravíssima colhida do Mexico, que o deixou bastante ressentido, pouco pôde tourear e só no fim quasi da época reapareceu em Madrid, conseguindo sustentar o seu «cartel» e a sua categoria.

Emilio Mendez, teve uma temporada com exitos continuos. Afastado de Madrid, bem contra sua vontade e talvez por não ter padrinhos como outros menos valentes, não deixou por isso o seu nome de ecoar noutras praças, onde alcançou verdadeiros triunfos, o que levou então a «aficção madrileña» a chamá-lo «capital, onde toureou e bem».

O seu «cartel» está seguro. Toureou mais e melhor, que outros anos, tendo ficado em muito boa situação para o proximo ano, conseguindo cortar algumas «orejas» e ser levado em ombros pelas multidões.

Dos novos «Doctores» que faziam a sua primeira temporada de matadores de touros, além de Maera e Nacional II, Valencia II também se alinhava na segunda fila. Paulo Lallanda, beneficiado com o prestigio do seu primo Marcial, toureou bastante, mas sem gloria.

Outros matadores não conseguiram atingir as primeiras filas e entre alguns citaremos Paco Madrid, Larita, Pouly, (francês) Camará, sobrinho de Machaquito, Celita, Angeles, Pastoret, Alcalaño, Vaquerito, Pacorre, Torquito Relampaguito, tourearam é verdade uns mais outros menos, mas os que mais se destacaram foram Larita e Paco Madrid; dos outros alguns irão até para «el monton». Silvetti, mexicano também parece promotor.

Das alternativas dadas em 1922 uma destacamos, a de Nicanor Villalta, uma das esperanças futuras da «aficção» espanhola, no momento actual. Também prometeram Barajas e Antonio Sanchez.

Assim pois, na primeira fila, e por retirada de Sanchez Megias, estão: Chicuelo, Lallanda, Maera e Nacional II.

Chicuelo prende-o a época de 1923 com o serviço militar, e muito terá que trabalhar se quiser melhorar a sua situação um tanto ou quanto critica por muitos insucessos na actual temporada.

M. Lallanda também está muito exposto a perder a sua categoria se não fizer o mesmo que Chicuelo, se bem que no Mexico actualmente já tenha alcançado triunfos.

Maera e Nacional II só necessitam continuar mantendo os seus bons creditos. Villalta poderá apouquear muito os quatro «Azes». Na segunda fila: Fortuna, La Rosa, Valencia II, Emilio Mendez, Silvetti, Nacional I e Freg.

Destes sete matadores, três ha que a «aficção» tem esperança de que alcancem a primeira fila; são eles Valencia II, Mendez e Silvetti.

Quais serão pois os futuros «Azes» da tauromaquia? Aguardemos a nova época, e ela nos dirá se serão alguns dos actuais matadores, ou algum novo Messias aparecerá... e quais aqueles que serão atirados «al monton».

El Rodriguito

Armazem de sola e cabedais, pelaria fina e todos os artigos em cabedal para applicação em vestidos

Especialidade em GALÃO CIRE

ALBERTO CARLOS GOMES, L.DA — 90, R. Fanqueiros, 92

Deseja Boas-Festas aos seus Ex.ºs Freguezes.

Curso dos Liceus e Comercial
EXPLICAÇÕES DOS LICEUS—AULAS NOCTURNAS E DIURNAS

COLEGIO ACADEMICO

Director: PROFESSOR RUY GOMES DA COSTA, diplomado e inscrito em todos os liceus

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 27, rés-do-chão

(Junto á Praça Marechal Saldanha)

O SPORT

NAS ALDEIAS
DE PORTUGAL

Meu caro Carlos Sergio:

Que esta te vá encontrar de saúde. Eis o meu desejo sincero.

Com as boas festas, leva esta carta as noticias que me pediste sobre o desenvolvimento do sport nesta santa aldeia de Fregenilde da Beira.

Deixa-me que te diga que não compreendo lá muito bem o que pôde interessar aos teus leitores o que pensa de sport este bom povo, com oito casotas e doze casebres. Coisas tuas! Mas enfim... albarda-se o burro...

O meu entusiasmo de iniciado ainda ha pouco no sport, tem-me levado a fazer aqui a mais intensiva das propagandas em prol da grande causa. Os *pros-bonnets* da terra são visitas assíduas de minha casa; mais para me lerem os jornais e para verem os bonecos das revistas, de que para inquirirem da minha pouca preciosa saúde—pouco preciosa para eles, bem entendido.

As revistas e jornais de sport, que a tua gentileza, daí me tem enviado são também cuidadosamente folheados por eles.

Tenho, porém, que confessar que as leituras sportivas e as minhas palavras calorosas, fraco eco tem encontrado por parte da gente grávida desta aldeia beirica.

O meu discípulo mais dilecto ainda é o meu sobrinho—o Julio—que tem onze anos e muito sangue na guelra.

Os conhecimentos de *foot-ball* que eu lhe transmiti, transmitiu-os ele aos companheiros de brincadeira—e daí furiosos desafios jogados no pateo da casa, desafios em que a lei IX tem levado tratos de polé.

Os sports atleticos não tem pagado. O Julio não compreende ainda a beleza duns 100 metros em 10 segundos e dois quintos, por muito que isso pesa ao dr. Salazar Carreira.

Mas tudo neste mundo tem uma compensação. O *rugby* progride, em Fregenilde, a olhos vistos. Meu sobrinho apaixonou-se pela sciencia do *baño oval*, e como ele é o *leader* da garotada da aldeia...

E vê-lo todas as tardes, no quinhão por detrás da casa do visconde, a formar *melées*—e a marcarem ensaios; jogando o *rabito*—assim lhe chamam eles—com muita alma e um pouco de ferocidade.

A falta de *baño oval*, servem-se dum barrete velho—um desses barretes que usam os nossos campones, verde com uma borla vermelha, cheio de papéis e com a boca fechada com um cordão.

Santo regionalismo sportivo!

Mas... Não ha bela sem senão... O regionalismo tem seus perigos. Geralmente os *matches* terminam pela intervenção das mães, que os dispersam com *coites*, e resmungadelas entre dentes contra o Julio e contra este teu criado.

Sim, porque eu devo confessar-te que estes desafios de *foot-ball association* e de *foot-ball rugby*, só tem, por enquanto, entre as *personas grandes*, dois apañiguados. Um sou eu. O outro é o sapateiro da terra.

Na vespera do Natal veio para a sala o presepio—reliquia quasi centenaria cá de casa. Nunca o Julio—e contado conhece bem o velho presepio—lhe prestou atenção tão demorada, como neste ano. E, onde os seus olhos mais se fixavam era no grupo dos três reis magos, em que o príncipe negro se destaca, erguendo ao alto uma arca de incenso.

Na noite de Natal, Julio não se conteve: —«Tio! Não ha com certeza em Lisboa, um atleta como o rei Baltazar».

—«Porquê, garoto?»

—«Está desde ontem a fazer um *bras tendu*, e ainda se não foi abaixo!»

Meu caro Carlos Sergio: O teu amigo Luis de Fregenilde está imensamente atrapalhado.

Um grande artigo de *Os Sports*, que tratava de *box*, trazia como título de esparto: *A Nobre Arte*.

O farmacêutico leu com cuidado o artigo. E ao findar, de olhos desmesuradamente abertos, perguntou-me:

—«*Nobre Arte? Nobre Arte* porque?»

Tive um silencio comprometedor. E o bom do homem saiu apressado.

Soube depois que fóra conferenciar com as inteligencias da aldeia.

Daí a horas appareceu-me o mestre escola. Trazia sob o braço o dicionario de Moraes, e no rosto a severidade dum juiz. Abriu com grave aspecto o calhamaço, e leu:

NOBRE—adjectivo (do latim *nobilis*) Que pertence á nobreza; que tem qualidade de fidalgo; que é conhecido e distinto, pela proeminencia e prerogativa que lhe dá a lei, ou em respeito a illustres avoengos, ou em recompensa de meritos e serviços pessoais.

Passou paginas e tornou a ler:

ARTE—substantivo feminino (do latim *ars, artis*) Artes chamavam os antigos ás que ornavam o espirito e eram cultivadas por homens livres, mas hoje se entendem as em que predomina o espirito, como a pintura, a architectura, a musica, etc.

Depois erguendo a voz:

—«Parece que lá por Lisboa chamam aos que jogam o soco, cultores da *Nobre Arte*. Isto é verdade, senhor Luis?»

—«Assim é, mestre»—respondi.

Mestre Ambrosio ergueu ao céu os braços—como o rei Baltazar do presepio.

—«Oh Padre Antonio Vieira! Oh Manuel Bernardes! Oh Epifanio! Como devem estremecer as vossas cinzas!»

E saiu.

Sai também. Ao passar pela loja do ferador—grande influencia eleitoral, pelos muitos votos dos muitos clientes—este chamou-me.

—«Com que então, *Nobre Arte*?... Pois olhe, sr. Luis, eu já parti quatro dentes a um carroceiro, com um murro. Vê lá se consegue que me façam *laxão*»

E se assim fór, e se Deus me der vida e saúde, ainda hei de chegar a duque, á força de soco!»

Voltei para casa com o juizo a arder.

E até a minha criada velha...

De que estás tu a sorrir, Carlos? Eu bem sei que isto de criada velha é prato saído em quadros de aldeia. Mas olha que desta vez não é fantasia. Posso jurar-te que tenho uma criada velha. Não é a tia Vicência da Cidade e as Serras, mas é a tia Conceição.

Também vê com cuidado os bonecos das revistas. Os retratos dos *boxeurs*, de peito e pernas nuas, prendem-lhe a attenção. Tem sempre o mesmo comentário:

—«Estão-se preparando para tomar banho, pois não é, senhor Luis?»

Outro dia, quando lhe mostrei a fotografia daquele pretito que é campeão de *levissimos*, a tia Conceição teve um sorriso:

—«Olha um molequesinho... E também vai tomar banho... Coladinho! Com c frio que está, é capaz de apauhar alguma pneumonia».

Pois a boa da Conceição também não enguliu o artigo de *Os Sports*.

—«*Nobre Arte? Nobre Arte* porque?»

.....

Meu caro Carlos, vê se livras desta rás cada, o teu amigo dedicado que é o

Luis de Fregenilde

Pela copia

CARLOS SERGIO

CARVÃO

Almirantado

ANTHRACITE

Cimento

«ALSEN»

COKE FUNDIÇÃO

MAQUINAS

Portuguese Corporation Of Commerce, Ltd.

CAIS DO SODRÉ, 64, 2.º

TELEF. C. 5092 E 5093



"PROSA DA CASA," A virtuosa Senhora Carolina

Conto realista, igual á historia de muitas vidas

POR NORBERTO LOPES

D. Carolina assoou-se, dobrou o lençinho muito bem dobrado pégando-lhe com geito pelas quatro pontas, encavalitou os olhos de tartaruga em cima do nariz, cruzou as mãos sobre o ventre esteril e disse:

—Deus seja louvado!

A familia, acocorada em volta do fogão, seguindo com ansiedade os mais insignificantes movimentos da velha, cruzou as mãos sobre o ventre e disse:

—Deus seja louvado!

A chama do fogão iluminava os móveis, as tapeçarias, os cristais e o pergaminho da face de D. Carolina com um clarão de incendio.

Todos olharam para aquela chama como se estivessem contemplando a imagem da vida. Era uma lingua de fogo, a escorrer sangue, que se bipartia como a lingua de uma vibora. Menos inofensiva, no entanto, que outras linguas mundanas habituadas a transformar a boca em catredras da má lingua.

E o fogo ia consumindo lentamente a vida que em dór se contorcia debaixo daquelas brazas. Era uma luta formidável entre a lenha e o fogo, uma luta que tinha desespero e lagrimas e ritos crepitantes. A lenha chorava, debatia-se, gritava, mas pouco lhe servia. O fogo era mais forte.

D. Carolina, vendo assim representada diante de seus olhos a imagem da vida, a imagem humilde da vida, tentava humildemente cristalisar uma lagrima ao canto do olho. Em vão, porque a lagrima rolou, descreveu na face de D. Carolina um traço luminoso e veio cair-lhe delicadamente ao canto dos labios, com um sabor amargo de agua salgada.

E D. Carolina considerou como devem ser amargas as lagrimas dos pobres—sem o calor do fogão para as secar.

Era a noite em que devia nascer o Menino Jesus, concebido por graça divina. Já tocavam os sinos para a missa do galo e D. Carolina, cruzadas as mãos sobre o ventre esteril, sonhava. Dos pés á cabeça era toda sonho. Seus dedos brancos de marfim repousavam uns sobre os outros, entrelaçados, como se estivessem ali, a guardar a pomba da vida, que queria bater as azas. O nariz era mais afilado, mais transparente, mais romantico. E os labios, palidos e murchos de tanto rezar, mexiam-se, numa maldição ou numa prece. Sonhava. Era como se lhe tivessem entornado em cima um tinteiro de illusão. Illusão em flôr, toda ela florescia e o seu rosto se transfigurava em botão de rosa e os seus labios ganhavam em cor e em luxuria, e os seus olhos em expressão e em veludo.

D. Carolina olhava para o passado. E o passado era presente. Via-se rodeada de carinhos, princezinha loira num berço de arminho, filha unica, sorriso a iluminar a casa duma luz celestial, branca como uma illusão, pura como um sacralio. E mais tarde, suas tranças de oiro velho ao léu, seus péritos calçados em sapatinhos de setim, seus labios a recusarem já um beijo, se lh'o pediam—ai, que menina tão arisca!—via-se a brincar pelo jardim, a amarfanhar as rosas em seus dedos inocentes, a correr atraz das borboletas como quem corre atraz duma illusão.

E depois via-se mulher, bonita, cortejada, quasi noiva, a rever ao espe-

lho o seu perfil de linhas puras—onde houve sempre um traço de orgulho a dominar a bondade natural de quem nasceu entre um sorriso e uma dór—que nem todo o oiro do mundo pode evitar. Ai dos que nascem encharcadinhos de dór até á medula dos ossos!—D. Carolina era rica. D. Carolina sonhava. A seu lado, os parentes—a familia—estendiam, na sombra garras aduncas, de configuração macabras—em projecção. E D. Carolina sentia o peso daquelas garras. Sobre o coração. Era como se lhe quizessem apertar a garganta, apertar, apertar, até deitar espuma pela boca, pelo nariz, pelos olhos.

Sonhava. Via-se noiva, mais orgulhosa do que as outras, porque tambem era mais rica, porque tambem era mais linda. E em volta, os parentes despediam dos olhos raios de cubiga: —Morre hoje, morre amanhã, já pouco tempo pôde durar—e não havia

maneira de baixar sepultura aquela carcassa roída dos anos que foi carne de marmore, sonho de volupia, desejo de fecundidade.

D. Carolina sonhava. Via-se rodeada de pretendentes, cubigada por uma matilha de lobos que lhe farejava o dote. E nenhum, nenhum que lhe acordasse a fibra do desejo!—Mas então a vida era aquilo? Valia a pena viver para acabar os seus dias em frente daquella fogão, rodeado de cubiga, consumida de desejo, odiada porque teimava em resistir á morte? Não, não valia a pena viver—E D. Carolina via claramente que tudo tinha sido inutil. O orgulho—inutil. A vaidade—inutil. A riqueza—inutil.

Só porque tinha negado um beijo, o seu ventre não gerou a vida! Esteril! E pensava, no irremediavel da sua virtude:

—Ai! antes tivesse dado aquele beijo!

Tocava o sino para a missa do galo. Meia noite. Ia nascer uma vida. Ao menos essa nasceu para o sacrificio, nasceu para o calvario. Mas ela que nem calvario tinha! Sósinha no mundo, sem um affecto, sem uma dedicação, sem um amor, vigiada pela cubiga, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto—tal era a sua vida.—Ai! antes tivesse dado aquele beijo! Antes se tivesse perdido por um amor que não sentiu! Ainda que fosse obrigada a andar descalça, como as desgraçadas do Senhor; ainda que tivesse de pedir para comer; ainda que o mundo lhe cuspsse em cima a saliva de todas as maldições! Ao menos o seu ventre tinha gerado a vida. Ao menos o seu seio tinha amamentado a vida.—Sonhava. Não! Não! Estava acordada. Via com os seus olhos a matilha dos parentes a agitar-se na sombra, como um escaravelho, a lançar as patas ao bolo, a mexer, a acariciar, a lamper o bolo—e tinha frio, batia o queixo sentia fugir-lhe a razão.

A chama do fogão iluminava em cheio a malta dos parentes. Tinham vindo todos. Como sentissem aproximar-se o fim, nunca a noite de Natal teve tanta gente, tanta alegria, tanta cubiga disfarçada.—Ainda não é agora! Já pouco falta! Já pouco falta!—E D. Carolina via tudo, percebia muito bem que todos suspiravam pela hora da sua morte para dividir o bolo.—Ai! antes tivesse dado aquele beijo!—Via-se já no caixão, branca de neve, entre quatro cirios e Jesus crucificado á cabeceira.

Um gato arranhou o tapete. Deu um pulo na cadeira, abriu muito os olhos, teve um arrepio de medo.—Já seria agora?—Os parentes mexeram-se, olharam para D. Carolina, olharam uns para os outros e todos se compreenderam.

No silencio que se fez em volta do fogão passou toda a comedia-drama da sua vida.—Ai! vida inutil! vida inutil!—E agora, que já pouco lhe faltava para morrer, tinha remorsos, de não ter vivido. Praticou o bem sempre que pôde. Mas o que é praticar o bem? E' alimentar a inveja dos pobres. Por isso ela se arrependia de ter praticado o bem, de ter distribuido esmolas á pobreza envergonhada, de ter casado a Maria da Graça com o Angelo e de lhes ter dado um lindo dote. E eles eram felizes, viviam, enquanto que ela morria sem ter vivido, entre a cubiga felina dos parentes e um olhar piedoso de S. Pedro—que a esperava no ceu.

D. Carolina já não sonhava. Estava cada vez mais acordada e via, via a Morte aproximar-se, com gestos lentos, silenciosa e algida como a neve. Nem toda a lenha do mundo seria capaz de derreter aquella neve.

D. Carolina sentia-se morrer. E ela, que tinha medo da Morte, terror da Morte, remorsos de não ter vivido, deixava-se morrer. Nem um grito, nem um gemido, nem um ai. Morreu em beleza, morreu em santidade.—Deus seja louvado!—A um dos parentes, de contente lhe doe um dente:

—Que lindo Natal vamos ter!

E alma de D. Carolina já pairando, no irremediavel da sua virtude:

—Ai! antes tivesse dado aquele beijo!

NORBERTO LOPES

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

MOBILIAS Cerca de 200 clientes, nas Avenidas, podem atestar a perfeição, solidez, bom

gosto e modicidade de preços deste armazem. Solicita-se uma visita se quereis comprar com confiança e ter mobílias para toda a vida. Preços excepcionais para casas completas.

Encerados e marcenaria Encarrega-se de todos os trabalhos de encerar, polir e de marceneiro.

Estofador e Decorador. Trabalhos perfeitos em ornamentos de casas. Vai-se a casa dos clientes.

AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 7
RUA MARTENS FERRÃO, 20

AGUA, CREME E PÓ DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA

Para a Beleza e Higiene da pele, dando-lhe um aveludado e frescura incomparavel. Não é untuoso. As senhoras que o usam tem uma pele ideal.

Cura radical dos sinais das bexigas, por mais antigos que sejam. Sendo recentes, a cura é quasi rapida; começando o tratamento logo que a doença se manifesta, o doente levanta-se sem o menor vestigio de cicatriz, consultando **MADAME CAMPOS.**

Contra as rugas.—Tratamento eficaz. Melhoras sensiveis em 8 dias.

Sardas e manchas da pele.—Cura radical em 8 dias pelo novo processo de descamação.

Cura radical dos pelos.—Ensina-se um novo processo muito economico.

Selos firmes, desenvolvidos ou reduzidos.—Tratamentos serios. Resultados depois de 5 dias de tratamento.

Tintura dos cabelos.—Em todas as cores e com a duração de 2 anos. Lavagem de cabeça com secagem electrica. Manucure.

Só neste Consultório de Beleza as senhoras devem comprar os seus productos e fazer os seus tratamentos de estetica

por ser a unica em Portugal onde se fazem todos os tratamentos da pele. Imensos atestados á disposição dos clientes.

Resposta, mediante estampilha, á

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida, 23, Lisboa—Telef. N. 3641

"Dentalina"

A boa higiene da boca, alvura e conservação dos dentes, só se consegue usando esta marca, por ser superior a todas as pastas

Deposito geral
Rua do Loreto, 55, 1.º

ANTIGA CASA FERREIRINHA

Proprietaria de 23 quintas na região vinícola do Douro

Os melhores VINHOS DO PORTO á venda nas boas casas

COMPANHIA AGRICOLA E COMERCIAL DOS VINHOS DO PORTO

Telefone 388 — End. Telegrafico — SARL

Séde --- Rua do Infante D. Henrique, 83, 85 --- PORTO

GAZOLINA
PETROLEO
— OLEOS —

SHELL

THE LISBON COAL & OIL FUEL CO., LTD.
— LISBOA —

CARVÃO CIMENTO MAQUINAS

Portuguese Corporation of Commerce L.^d

64, CAIS DO SODRÉ
TELEFONES 5092/314 C.



GRANDES ARMAZENS DE LISBOA

Artur Ferreira Peres

Deseja boas festas a todos os seus
Freguezes e amigos e um ano
cheio de felicidades.

Fraga & C.^a

JOALHARIA

Aos seus ex.^{mos} freguezes dese-
jam boas festas e ano prospero

76, R. da Palma, 78

C. MAHONY & AMARAL, L.^{da}

Travessa dos Remolares, 23 — LISBOA

Telefones { C. 586
C. 3679

End. Tel. { MAHONY
Lisboa

Motocicletas HARLEY DAVIDSON — A
melhor das motos americanas em serviço dos
exercitos Portuguezes e dos governos aliados.

Acessórios e pneus PIRELLI — Unicos de-
positários em Portugal desta afamada marca.

Grandes depósitos de ferro em chapa, barras e
verguinha, aço, cobre e latão.

Secção de MAQUINAS — Representação
das mais importantes fábricas europeias e ame-

ricanas. — Maquinas e utensilios para todas
as industrias.

Bombas para elevação de água.

Secção VELOCIPEDIA — Biciotetas e to-
dos os acessórios. — Grandes depósitos.

ELECTRICIDADE — Material electrico, de
melhores sistemas e fabricantes. — Instala-
ções electricas completas,

Motores electricos a Oleo, a Gazorlina, e Gaz
Fobre.

Materiaes de construção

CANDIEIROS e todo o material para incandescencia pelo gaz

LUZ IDEAL Nova luz de incandes-
cencia para gazorlina

ARTIGOS DENTÁRIOS Depósito permanente de dentes e mais artigos
dentários para Consultórios e Ateliers

BOAS MOBILIAS

Antiga marcenaria do Desterro

Exposição permanente para venda directa ao pu-
blico por preços do fabricante e seu proprietario

Manuel Filipe da Silva Junior

Variado sortimento de mobilias em todos os generos, o que se fabrica de mais solido,
confortavel e chic.

Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.

Mapes cobertos em pele verdadeira de varias cores

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Uma visita a titulo de curiosidade e confronto

Rua do Desterro, 17 a 29

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

NO ORIENTE

MEDIDAS MILITARES
TURCASConcentração de tropas na linha de
Balikerder

A 6.ª divisão aguarda ordens

LONDRES, 29

Os jornais de Londres publicam notícias de medidas militares adoptadas pela Turquia na Ásia Menor. Afirma-se até que as tropas turcas se estão concentrando na linha de Balikerder para o norte e que a 6.ª divisão aguarda ordens para marchar. Consta também que as ordens de desmobilização de algumas tropas ficaram suspostas e que estão sendo enviadas para Mossul. Em Londres parece não se ligar grande importância a estes boatos, mas lamenta-se que a serem verdadeiros, os chefes de Angora não tenham podido dominar a situação. — (R.).

Joalheria, Ourivesaria e Relojoaria
Julio Rei, L.^{da}

Ex-empregado da Joalheria A. de Abreu
Grande sortimento em todos os artigos por preços excepcionais.
30--Praça dos Restauradores--31
(Palacio Foz)
Telefone N. 4.056

NO COLISEU DOS RECREIOS

O espectáculo de hoje e
a «matinée» de amanhã

Não há em Lisboa espectáculos mais económicos, mais variados e mais alegres do que os do Coliseu dos Recreios, onde todas as noites se exibem os mais interessantes e originais programas, que despertam sempre o entusiasmo do publico frequentador daquela magnifica casa de espectáculos. Os acrobatas com os seus admiráveis saltos, os «clowns» com os seus engraçados intermédios, os magníficos cavalos, o trabalho telepatico de Odonofo e Miss Liz, o interessantissimo numero dos nobreiros artistas portugueses «Os Lusitanos», tudo isso forma o mais extraordinario e surpreendente conjunto que possa imaginar-se, tudo isso satisfaz e agrada a toda a gente que vai a popular casa de espectáculos.

Amanhã realiza-se uma grandiosa «matinée», estando deão hoje os bilhetes a venda.

V.ª de Manuel da Costa Marques
& C.ª, L.^{da}
PAPELARIA

Até seus Ex.^{as} frequentes e amigos
desde um ano feliz
34, Rua do Ouro, 38

Limpeza e conservação do calçado
obtem-se usando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.^{da}

47, RUA DO CARMO, 74

MAQUINAS DE ESCRIVER

NOVAS e usadas. Reparacoes e reconstruções garantidas. Accessorios.
Quintine Ltd.^a. Tel. N. 4225. CALÇADA DO UQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

A PAZ AMEAÇADA

O ano internacional

Falharam todas as conferencias,
mantendo-se o desequilibrio europeu

E' bem sombria a situação politica dos povos ao fechar-se para a humanidade mais esta pagina triste da sua historia.

Gastou-se o ano inteiro em negociações que levassem ao restabelecimento da paz, e é cada vez mais de temer a ameaça da guerra; andaram os diplomatas, numa porfia, em busca da formula que pudesse restituir os homens á sua tranquillidade passada, e nem uma esperança, sequer, de melhores dias se vislumbra ainda, nesta ante-manhã de incerteza e de angustia, que marca na correria vertiginosa do tempo, a transição para uma nova era.

Não se dirá que foi á falta de clamar a necessidade de paz, que o mundo deixou de pacificar-se, nem que foi por carencia de vontade dos povos que mais um ano decorreu, perdido de todo para a restauração moral e material das nações que a guerra desgraçou.

Realizaram-se novas conferencias internacionais, mas os diplomatas continuaram a não se entender no campo cada vez mais temeroso desta luta de interesses que tem sido a base dos seus programas; a cada novo esforço de paz, responde como num sarcasmo terrível, o deflagrar de novas guerras; os homens cada vez mais enfurecidos na sua sanha de exterminio, cada vez mais acesos os odios e mais enfraquecida a moral, e mais miserável a pobre humanidade.

Do individuo á familia, e da familia á sociedade, e da sociedade ás nações, a desmoralização tomou proporções que espantam. A luta de classes enveredou por um caminho de ferocidade que ameaça derruir irremediavelmente todas as forças vitais; e inutilizam-

se todos os esforços de resistencia, e sente-se que avançamos: todos desvairados, como numa cavalcada de loucura, para um tremendo abismo de perdição.

Lausanne falhou, como falhou Versailles, como falhou Washington, como falhou Genova, como falhou Cannes, como falhou Londres, como falharam todas as tentativas de paz até agora realizadas.

Falou-se em desarmamento, e nunca foi maior a ambição da guerra; falou-se em humanidade, e nunca se cometeram mais horripilantes crimes; falou-se no advento de melhores dias, e nunca foi mais desgraçada, nem mais miserável, nem mais confrangedora a situação geral do mundo.

Quando se supunha que a força do direito ia prevalecer, é apenas o direito da força que a tudo se impõe, num desenfreamento, fazendo da paz um artificio de mentira, fazendo dos povos joguetes de todas as ambições.

As nações, empobrecidas, não têm senão a força para se manterem nos solavancos com que a cubia alheia as empurra para o aniquilamento.

Vencidos e vencedores, irmanam-se agora a mesma decadencia. E' para todos assustadoramente incerto o dia de amanhã, porque todos perderam, com o equilibrio economico e com o equilibrio moral, a unica esperança segura de resurgimento que lhes restava.

Mais conferencias? Mais negociações diplomaticas? Para quê? Se, já agora, está feita a prova da sua absoluta inutilidade?

Aprigio Mafra

EM HAMBURGO

A MARINHA MERCANTE
ALEMÃSão lançados ao mar quatro grandes
paquetes

Um grande progresso naval

HAMBURGO, 29.

Os armadores alemães continuam a realizando incansáveis esforços para reconstituir a sua frota mercante. Ultimamente verificaram-se 4 lançamentos, entre eles o do «Hert-Bal/in», transatlantico de 22.000 toneladas, e o do «Hermes» o maior rebocador le-mão. O primeiro foi construido para a Hamburg-America, tem 183 metros e é movido por 3 turbinas de 13.000 cavalos. A sua velocidade normal é de 15 milhas e meia. Por outro lado, o novo vapor «Karl Legian» ha pouco lançado no Wilhelmshaven, efectuou a sua viagem de experencia. E' do tipo do «Emil Kerdorf» O «Adelf von Bayern» e o «Albert Voeger» serão lançados no primeiro de fevereiro e em maio do proximo ano. — (R.).

TEATRO NACIONAL

Amanhã e depois
2 belos espectaculos

O grande sucesso desta epoca

O leque de lady Margarida

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º
TELEF. C. 1196

STORES DE MADEIRA

RUA DO SEculo, 140

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa

«LYOL»

(Topico oxygenado)
CURA:

FERIDAS—ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇÕES DE PELE

FARMACIAS:
LISBOA—R. N. do Almada, 88
PORTO—R. dos Clerigos, 36

BAIRRO CAMÕES

Dr. A. Narciso

Do Hospital de Santa Marta
Rua Nogueira e Sousa, 17
(Ao Luciano Cordeiro)

BANCO NACIONAL AGRICOLA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital autorizado

R. de S. Julião

Capital emitido

60 milhões de escudos - LISBOA - 20 milhões de escudos

Endereço teleg.: AGROBANK

Telef.: Central 2738 e 701

OPERAÇÕES BANCARIAS

Depósitos á ordem e á prazo em escudos e moedas estrangeiras.
Descontos, transferencias, aberturas de creditos, emissão de cartas de credito.
Saques sobre o pais e estrangeiro.
Compra e venda de notas e moedas estrangeiras.
Ordens telegraficas.
Execução de ordens de Bolsas, no pais e no estrangeiro.
Compra de coupons.

Descontos de warrants.
Aluguer de cofres fortes.

AGENCIA EM EVORA

Sucursal em Tavira (Algarve)—«Credito Agricola do Algarve, Ltd.»
Correspondentes nas principais localidades do pais e nas mais importantes regiões agricolas.
Correspondentes nas principais praças do estrangeiro.

OPERAÇÕES COMERCIAIS

Importação:

Enxofre
Cloreto de potassio
Sulfato de amonio
Sulfato de cobre
Nitrato de amonio
Nitrato de sodio
Fosfatos naturais
Produtos e maquinismos indispensaveis á agricultura

Exportação:

Corticais em aparas
Corticais em prancha
Machadaria de cortica
Lã de cortica
Vinhos
Frutos
Produtos do Algarve
Oleo de peixe
Etc.

OPERAÇÕES DE FOMENTO AGRICOLA

Arroteamento de terrenos incultos. Reconstituição de propriedades.
Colocação de produtos agricolas nos mercados consumidores.
Gestão de sociedades agricolas.
Fornecimentos de adubos, alfaias, maquinismos, etc.

Vendedor exclusivo dos produtos das fabricas de

"A TINÓCA, LIMITADA"

Telefones de "Diario de Lisboa" { Redacção--C. 3194
Administração--C. 3195

6 HORAS
DA
TARDE

ULTIMAS NOTICIAS

6 HORAS
DA
TARDE

A ARCADE A TARDE

A POLITICA

A sr. Antonio Maria da Silva com-
parecerá no ministerio na
proxima semana

O sr. Antonio Maria da Silva que esteve ante-ontem bastante incomodado de saúde, melhorou consideravelmente hoje.

O seu estado já não inspira cuidados. O sr. governador civil teve ontem á noite uma pequena conferencia com o chefe do Governo, tendo-lhe dado conta dos acontecimentos dinamitistas. O sr. Antonio Maria da Silva pediu ao sr. Viriato Lobo que apressasse as suas investigações.

O sr. Antonio Maria da Silva já recebeu a carta que lhe enviou o sr. dr. Leonardo Coimbra.

E' possível — era a hipótese mais corrente na Arcade — que o chefe do Governo, logo que esteja restabelecido, peça a sua demissão, o que será aceite pelo sr. Antonio José de Almeida. Teremos um quarto ministerio Antonio Maria da Silva? Parece que sim. Do actual, cheio de auxiliares e interinos, só dois ministros serão aproveitados: o da Marinha e o das Colónias.

"Foot-Ball"

Os «matches» de domingo e segunda
feira, em Palhavã

No rapido do Porto, chega hoje á noite, o 1.º grupo do «Union Sporting» de Vigo, que amanhã lutará contra o magnifico onze do Club de Foot-ball «Os Belenenses» e na segunda feira, (dia de Ano Novo), bater-se-á com o Imperio Lisboa Club. Estes jogos realizam-se em Palhavã e terão inicio ás 15 horas; estando encarregados das arbitragens Rogerio Peres e Albertino Gomes.

Tambem nos mesmos dias se efectuam, no campo de Palhavã, ás 13 horas, duas eliminatórias da «Taça Mutilados da Guerra». No primeiro dia são adversarios o Imperio e o União, tendo por arbitro, o sr. Rebelo da Silva, e no segundo dia jogam Belenenses e Internacionais, tendo por arbitro o sr. Silvestre Rosmaninho.

NATAL E ANO BOM

Cumprimentos

Apresentaram-nos os seus cumprimentos a sr.ª D. Maria do Pilar, gentil actriz do Nacional e os srs. Artur Arriegas, Ivo de Monforte e Eduardo Duarte.

Calendarios

Da Sociedade Alentejana de Seguros «A Patria», recebemos 3 interessantes calendarios.

Um muro que abate

Devido ás ultimas chuvas, abateu esta madrugada, na Amadora, um muro, na ocasião em que passava o trabalhador Antonio Candido, que ficou em estado grave. Sendo conduzido ao hospital de S. José faleceu pouco depois.

Agressão barbara

O caixeiro Costa Ferreira foi hoje barbalemente agredido na rua de S. Roque, pelo sapateiro João Gaspar. O agressor foi preso.

LOTARIA

Outra sorte grande

6274 150:000\$00

em vigessimos vendidos pelo feliz cambista

PINA

assim como muitos mais premios.

Bilhetes á venda para todas as lotarias anunciadas pela Misericórdia.

Pedidos a

Costa, Limitada

75, Rua de S. Paulo, 77

Telefone 3486 C.

LISBOA

O 19 DE OUTUBRO

A ACÇÃO
do sr. Procopio de FreitasEm Santa Clara depuzeram hoje os srs. Pinto Bastos, Augusto Rato,
Reis Gancho, Miguel José Fernandes, Jeronimo Duarte, Henrique
Martins Vagueiro e Carlos Lucas

Decima audiencia. O presidente declarou-a reaberta ás 12,45 horas.

Depõe a testemunha Jeronimo Duarte, patrão do Arsenal de Marinha.

—Estava no gabinete do sr. official de serviço. Em dado momento ouvi tiros. O sr. official mandou-me saber o que se passava. Vi o sr. Cunha Leal ferido; fui participar o caso ao sr. official de serviço, que mandou dizer por um marinheiro ao sr. Procopio de Freitas o que se passava e que viesse a terra.

O dr. Ramada Curto:

—Conhece o sr. Carvalho Crato?

—Sim, senhor.

—Sabe se ele esteve no Arsenal?

—Ouvi dizer que sim.

—Não viu um barco em direcção á terra com um sargento e praças do «Vasco da Gama»?

—Sim, senhor. Essas forças traziam instruções para desarmar os marinheiros embriagados.

A testemunha Miguel José Fernandes, marinheiro da D. S. M.

O promotor:

—Diga o que se passou no Arsenal.

—Assim que o sr. Cunha Leal foi ferido, o sr. official de serviço incumbiu-me de ir a bordo do «Vasco da Gama» comunicar ao sr. Procopio de Freitas o que se passava e de lhe pedir para vir a terra.

—Qual foi a resposta do sr. Procopio?

—«Essa gente está doida!» Chamou imediatamente o capitão de fragata sr. Carvalho Crato e mandou-o para terra a fim de saber o que se passava.

—Sabe se ele mandou também alguma força?

—Mandou. Embarcou até no mesmo barco em que eu vim.

—Estavam alguns officiaes no gabinete do sr. official de serviço?

—Sim, senhor.

O sr. Ramada Curto requere uma acariação entre a testemunha e o seu constituinte, visto haver uma pequena divergencia entre ambos.

O sr. Procopio de Freitas:

—Eu não pretendo defender-me. A minha situação a bordo era tal que eu não podia vir a terra ao chamamento de qualquer José Luiz, que não conhecia. Afirmando sobre minha honra, embora neste momento ela nada valha, que não falei com a testemunha senão uma vez. E' possível que ela tivesse ido a bordo duas vezes, mas comigo só falou uma.

A testemunha:

—O sr. comandante diz que não falou comigo; é porque se não recorda. Quando eu comuniquei a morte do sr. Granjo ao sr. Procopio, ele ficou completamente desorientado e começou a nomear praças e sargentos para virem a terra.

A testemunha, contra-almirante Pinto Bastos.

O promotor:

—V. ex.ª era o comandante do Arsenal em 19 de outubro?

—E' verdade.

—Eu desejava que v. ex.ª me dissesse o que sabe sobre a soltura dos presos.

—A' tarde recebi uma ordem, num papel, para soltar os presos todos, excepto um, a pedido dos proprios camaradas, por ser o chefe duma quadrilha de gatunos.

—V. ex.ª mandou-os soltar, em face do bilhete?

—Sim, senhor. Por o considerar uma ordem.

O dr. Ramada Curto:

—O sr. Procopio de Freitas disse apenas a v. ex.ª que podiam ser soltos os presos politicos?

—Sim.

—Qual a attitude de Procopio de Freitas para com v. ex.ª?

—Falei apenas uma vez com ele pelo telefone; pedia-me armas. Fiz-lhe ver a inconveniencia que nisso havia, dizendo-lhe que seria melhor mandar praças armadas para policiar a cidade, com o que concordou.

A testemunha capitão de fragata Augusto Rato.

O promotor:

—V. ex.ª fazia serviço no corpo de M. A. em 19 de outubro?

—Sim, senhor.

—O que sabe sobre os presos que foram postos em liberdade?

—Que foram apenas soltos ao anoitecer.

O sr. dr. Ramada Curto:

—Em que termos era concebida essa ordem?

—Podem ser soltos os presos politicos e desertores.

—V. ex.ª esteve durante o periodo revolucionario no corpo de marinheiros?

—Sim, senhor.

Depõe como testemunha o 1.º sargento da armada, Carlos Lucas, que na noite de 19 de Outubro andava de ronda na Estefania quando os marinheiros foram buscar o sr. Machado Santos. Pouco adianta.

O 1.º tenente do secretariado naval Joaquim Reis Gancho, depõe sobre o que se passou no C. M., com os presos.

O dr. Ramada Curto:

—Sabe a hora a que os presos foram soltos?

—A's quatro horas.

—Sabe quem era a official que estava no Arsenal?

—O sr. capitão Luís Ramos.

—Quais as instruções que o sr. Procopio de Freitas lhe deu sobre o movimento?

—Disse-me: «Não se dá um tiro, nem se desautoriza ninguém». Isto foi-me dito antes de rebentar o movimento.

A testemunha Henrique Martins Vagueiros, fala sobre os boatos de morticínios.

O promotor:

—O sr. diz no seu depoimento, que andava preocupado com os boatos?

—Com os que corriam contra o sr. Pais Rovisco, por ser o causador do adiamento da revolução.

A audiencia continua.

Encomendas Postais

A secção das Encomendas Postais está aberta amanhã e no dia de Ano Bom.

O Cardeal Locatelli

ofereceu hoje um almoço ao sr. dr. Domingos Pereira

No Palácio da Nunciatura, realizou-se hoje o almoço diplomatico oferecido pela Nunciatura aos srs. ministro dos Estrangeiros, comandante Athias, secretario geral da Presidencia e a outras individualidades do Governo e do Estado.

Assistiu também todo o corpo diplomatico.

PROCESSOS CRIMINOSOS

AS BOMBAS

Encontram-se presos 4 individuos
que parece nada terem com
os atentados

A policia está tratando, com grande actividade, das investigações para descobrir quem foram os autores do lançamento de bombas, ontem á noite, em varios pontos da cidade.

Foram avaliados em 4:000 escudos, os prejuizos causados pela bomba que rebentou na rua Nova do Carvalho, perto de consulado de Italia.

Como implicado de ser um dos autores da explosão da bomba em Alcantara encontra-se preso Manuel dos Santos, rua de Alcantara, 29, 1.º, e que se encontra incomunicavel.

Mais prisões feitas hoje pela policia: Abilio Ferreira Pires, Alvaro Lopes Ramos e Augusto Carlos Dias, presos em Santa Marta.

A lotaria do Ano Bom

Os 150 contos

Como pelo Natal, havia grande interesse pelo resultado da lotaria de hoje.

Ao 6:274, que foi uma das primeiras bolas a sair, couberam os 150 contos.

Foi vendido em vigessimos pelo feliz cambista Pina, da rua de S. Paulo, ficando quasi todo no bairro de Alcantara.

UM FIO DOS ELECTRICOS
FULMINA DUAS MUARES

Esta manhã, na Alameda da Linha de Torres, partiu-se um fio telefonico, que foi cair em cima dum fio dos electricos, resultando este cair sobre duas muares que na ocasião ali passavam, matando-as.

As muares, pertencem a Francisco dos Santos, da Enxara do Bispo, e foram avaliadas em 5:000 escudos.

Por ser dia de feriado
Nacional não se publica na
segunda feira o «Diario de
Lisboa».

DE LUTO

Augusto José Vieira

No domingo, 31, das 11 horas em diante, tem lugar uma romagem ao tumulo de Augusto José Vieira, no cemiterio do Alto de S. João, comemorando o 3.º aniversario do seu falecimento.

Abriu hoje o

Restaurant Estrela de Bemfica

Sabe o leitor onde fica situado o Restaurant Estrela de Bemfica que, como temos noticiado, se inaugura hoje? E' na estrada de Bemfica, termo da linha dos electricos, em frente da igreja.

E' um restaurante moderno, que pode fornecer batizados e casamentos e serve todos os dias almoços e jantares-concertos, estando aberto toda a noite.

Eduardo Augusto Esteves de Freitas
Faleceu

Lidia Adelaide Sousa Falcão Freitas, Mario Falcão de Freitas, Eduardo Augusto Falcão de Freitas e sua esposa, João Maria Falcão de Freitas, João Maria Esteves de Freitas Junior, Maria Adelaide Esteves Freitas e Julia de Sousa Falcão, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu marido, pai, sogro, irmão e cunhado. O funeral realiza-se amanhã, 31, ás 14 horas, da rua Rosa Araújo, 16, para o cemiterio Ocidental.